

O CAMBIO DO ENTREGUISMO

sem esquecer a boia-colhita de V. Excia, sempre de nossas sugestões e as atitudes de cordialidade que habitualmente mantem com o nosso pessoal. Agradeço, ainda, a V. Excia, o fim de que sejam restabelecidas as normas tradicionais de trabalho de representantes dos jornais nas diversas repartições da Polícia, na certeza de que, com isto, se logrará o sistema de ordem a sua direção. Cordiais saúdes. (u) **Herbert Mo-**

NOVO CONTRA
PERIALISTA

sobre o grave perigo que os tristes interessados

O general Artur Carnaúba adverte a nação sobre o grave perigo que ameaça a sua soberania ante a investida dos trusts interessados no petróleo brasileiro

curioso. (Art. 17). Permite o projeto que se crie, a uma escala particular, que bem poderia ser a mundializar de uma grande organização internacional. Convinhamos que não é justo que se dividam os recursos de uma indústria tão remota, como a refinação, por exemplo, com compensa já bastante econômica. Por que não criar uma indústria nacional, totalmente, a economia nacional?

O AMPLO SENTIDO DA CONVENÇÃO

Disse então o general Art. 17, que grave peso se atribua a Nação. E depois, acrescentar a necessidade de estabelecer o monopólio de

— É essa união — com-
tinha — que não esforcemos pa-
ra obter, antes a combater com mu-
lhos companheiros de trabalho e
luta, que, desde 1947, na
nossa luta pela paz, pela
causa de nossa emancipa-
ção econômica, independente pa-
ra completar a obra de 1888 e
por isso que vejo aproximam-
os e o meu Estado, a minha
nação. E que depois adven-
temos, que a U. C. Coarango e
o jornal de Defesa do Povo
seja a expressão dessa unidade
por mim assumida, de modo a
podermos ver reunidos, na
nossa assembléia, cidadãos e
mulheres de todas as profissões,
independente de qual-
quer consideração de classe, po-
lítica, econômica, raça e re-
ligião. Quem não acredita
naquele que defendo? Bom, não
é que ainda não me dá

Na manhã de 12 de maio, quando o governo quer entregar ao imperialismo americano. Fato esse que se evita ao quando o chefe da turna de polícia, ao ir a um novo perseguido, não continuou ligado ao Centro de Estados.

Defeito do Petróleo. O sr. Aristoteles, encerrando seu protesto, fez um apelo a todos os patriotas no sentido de que não esqueçam a luta em defesa da soberania nacional e da paz, para fazer resuar o atual governo e sua polícia de bandaluzes.

Não satisfeitos com todos os seus engodos, ainda iludiram cerca de mil pais de família que, acreditando cegamente nas mentiras que lhes contaram, assinaram um memorando que será entregue ao sr. Presidente da República. Com a conivência de autoridades, não se tem mais alegam uma Portaria inconstitucional e ofensiva à Justiça, crentes de que tiveram algum benefício social. Seja como for, os responsáveis do memorando interpretaram de forma alarmista o pensamento dos professores. Concluindo, pode-se dizer que a Portaria número 5 só teve por fim a violação

Se o leitor não viu au-
tos os jornais, e acordar
esta manhã com mi-
nha narrativa-estrai-da
ao pé da letra, dos ves-
pertinos — há de pensar
que o Brasil foi atacado
e que estamos em guer-
ra. O Sr. Getúlio Vargas
deixa um porta-aviões
em helicóptero...

Mas nada disso. Tra-

ERTO vespertino divulgou que Candido Portinari estava lutando em fazer o retrato da esposa do conhecido diplomata norte-americano — a Sra. Acheson, segundo esse jornal.

Podemos informar que Portinari não reatou. Negou-se desde o primeiro instante.

hoje, às 20 horas, em um a
a Rua Manoel Vitorino,
frente à estação da Cen-
um grande auto público co-
a Petrobrás e em defesa
monopólio estatal para a
distria do petróleo brasile-
Diversos oradores, inclu-
parlamentares, terão uso
palavra.

**PROTESTO JUNTO
A CAMARA**

Pelo seu presidente em
ofício, Sr. Alfredo José Ma-

Nessa palestra, entusiasticamente aplaudida pela numerosa assistência, o parlamentar riu e apontou o caráter egotista do projeto enviado à Câmara Federal pelo governo Vargas, com o nome de Petróleo, e defendeu o monopólio estatal, única solução, segundo afirmou, para assegurar os interesses do país na exploração do petróleo.

NA ASSOCIAÇÃO
DO ARSENAL

estatal, única solução, segundo afirmou, para assegurar os interesses do país na explora-

uma e trinta e seis mil e quatrocentos e sessenta e sete.

Cartas dos leitores

DEFENDEREMOS NOSSO SOLO DE ARMAS NAS MÃOS

Escreve o leitor Alberto Cunha Andrade:

Como brasileiro, como patriota e como homem, vejo-me obrigado a dirigir-me a vossa jornal, no sentido de que fique patenteado publicamente o meu protesto, contra a invasão do nosso sagrado solo, por soldados norte-americanos que em verdadeiro acinte aos nossos bens do povo civilizado e pacífico por indole, querem que sejamos obrigados a trazer a qualificação de colônia dos Estados Unidos da América do Norte.

E claro a todos nós, o que veio o governo brasileiro com o envio de seu homem de confiança no nome mais precedido de arde navio da guerra para fazer a sua escuridão, uma vez que tem medo de que lhe aconteça o que aconteceu ao general da guerra na França.

Em primeiro plano está a exigência do envio de nossos jovens para a guerra da Coreia e a entrada de nosso petróleo a Standard Oil.

A propósito de ocupação de nosso país pelos americanos, quero citar um trecho da revista "Problemas", n. 39, na sua página 3, cujo título é: "MAIS

UM PASSO PARA A GUERRA

O referido "ACORDO DE ASSISTÊNCIA MILITAR" é um verdadeiro retrato para a guerra, elaborado secretamente, à revelia do povo, o contraria aos interesses vitais da nação. Trata-se antes de tudo de arrastar o país às ações guerreiras do governo dos Estados Unidos, de enviar tropas brasileiras para a Coreia ou para qualquer outra parte do mundo, segundo informações de Truman. Não é por acaso que esse documento foi enviado ao governo de Vargas por meio de forças armadas das Nações Unidas organização que, como é notório, não passa de mero instrumento para a agressão norte-americana na América.

Vejamos pois a veracidade dos fatos comprovados na prática através a política de submissão do governo do sr. Vargas ao imperialismo americano.

Entretanto, não consideram que milhões de brasileiros se levantaram se preciso for de armas na mão, para expulsar de nosso solo todos aqueles que não aqui vieram com a intenção de nos humilharem e nos submeterem.

Que atentem bem.

(Ass.) Alberto Cunha Andrade

Completo Êxito do III Congresso Cearense de Defesa do Petróleo

Vigorosa condenação do projeto entreguista da Petrobrás e inteiro apoio ao Monopólio Estatal — Escolhida a delegação que virá à III Convenção Nacional do C. E. D. P. E. N. VISITA A ASSEMBLEIA LEGISLATIVA

Fortaleza, junho (1.º) — III Congresso Cearense de Defesa do Petróleo. As sessões de instalação e encerramento foram realizadas na Associação de Imprensa, tendo tomado assento à Mesa que dirigiu os trabalhos da primeira os srs. deputados Pêricles Gomes de Araújo, Renato Braga, Edvaldo de Melo Távora e Manoel Honorato Filho, vereador Manoel Távares; o genheiro José Leal Lima Verde; o escritor Margarida Sábido de Medeiros; drs. Cleto Sá Pereira e Olavo de Sampaio; estudantes Manoel Aguiar de Araújo e Ernando Leão Lima, respectivamente presidente do Centro Local de Educação e Cultura e representante do Departamento Estudantil da UDN; sra. Jarina Menezes, representante da Federação de Mulheres do Ceará; e srs. Orlando Sobreira de Sampaio, inspetor do IAPETC, e Romulo Barroso, representante da União Geral dos Trabalhadores.



Aspecto da sessão solene de encerramento do III Congresso Cearense de Defesa do Petróleo, quando falava, o professor jornalista Madaleno Girão Barroso.

NA SESSÃO DE ENCERRAMENTO

No ato de encerramento, vieram à Mesa, entre outros, representantes da Assembleia Legislativa do Estado, o juiz Floriano Benevides, o professor

e jornalista Madaleno Girão Barroso, diretor da "Gazeta de Notícias", o vereador Raimundo Távares, o acadêmico Elmo Moreno, o operário Abílio Silva e os srs. Manoel Cunha de Almeida, e Raimundo Onias Rocha e José Meireles, delegado das Comissões de bairro do CEDPEN.

Uma comissão designada pela presidência do Congresso visitou a Assembleia Legislativa do Estado, onde teve oportunidade de renovar o seu protesto contra o projeto entreguista da Petrobrás e o seu inteiro apoio à tese do monopólio estatal para todas as fases da indústria do petróleo brasileiro.

DELEGADOS A III CONVENÇÃO NACIONAL

O Congresso escolheu a seguinte delegação para representar o Ceará na III Convenção Nacional de Defesa do Petróleo, a instalar-se a 5 de julho próximo, na capital da República: deputado Pêricles Gomes de Araújo, professor e jornalista Madaleno Girão Barroso, engenheiro José Leal Lima Verde, dr. Olavo Sampaio e sr. José Meireles.

VIDA Estudantil

REUNIAO DO D.A.O.

O Diretório Acadêmico de Odontologia convoca todos os representantes de turma e membros da diretoria para a próxima reunião do D.A.O. a ocorrer no próximo dia 30, às 16 horas, na sede social do Diretório.

PROVAS PARCIAIS

Faculdade de Direito de Niterói — Ficam transferidas as provas de direito Judiciário Civil para o dia 27 e as de Medicina Legal para o dia 23 do corrente mês, às mesmas horas já marcadas.

Faculdade Nacional de Medicina — A segunda e última chamada da cadeira de Química Fisiológica ficou transferida para o dia 26 de corrente e, às 9 horas, no laboratório da cadeira.

Patologia Geral — A 2.ª chamada para a prova parcial desta cadeira será realizada no dia 28.

Escola Nacional de Engenharia — Gaudésia — Transferidas para o dia 23, às 8 horas; Física do 2.º ano, transferida para o dia 30, às 14 horas; Geometria Analítica, transferida para o dia 25 às 8 horas.

Faculdade Nacional de Filosofia — A prova parcial de Técnica do Periódico, para a 3.ª série, foi transferida para o dia 26 do corrente, às 18 horas.

NOTÍCIAS DO ESTRANGEIRO

HELSINKI — A União Nacional de Estudantes Finlândeses organizará um campo nacional de estudantes em Helyria, a uns 30 quilômetros de Helsink, durante o mês de julho para vender os produtos estudantis poderosos de sua produção. Os organizadores têm a sua disposição um grande número de ingressos para o campo, acomodados em alojamentos para venderem aos participantes do campo. A U.N.E. oferece sua cooperação e apoio oferecendo seus serviços de publicação, filmes e um aparelho de projeção. Além disso, a U.N.E. assina os jogos para venderem aos participantes do campo. A U.N.E. assina os jogos para venderem aos participantes do campo. A U.N.E. assina os jogos para venderem aos participantes do campo.

PRAGA — A campanha lançada pela U.N.E. pelo melhoramento das condições de vida de acordo com as decisões do Conselho de Varsóvia, tem sido amplamente apoiada pelos estudantes. A campanha trata-se que o programa da U.N.E. que contém as necessidades e reivindicações fundamentais para o melhoramento das condições de vida, correspondendo aos interesses dos estudantes nas diversas partes do mundo. Toda espécie de informação e atividade dos estudantes neste aspecto será bem acolhida, e um diálogo pelo U.N.E. pode constituir uma experiência para os estudantes do mundo inteiro.

Justificam os Barnabés Seu projeto de aumento

Exposição de Motivos do Substitutivo-Lycio Hauer — Qualquer discriminação é odiosa — Justificativas do Ante-Projeto — (CONCLUSÃO)

Os incentivos ao desenvolvimento econômico do país. Dentre os campos de investimentos que podem proporcionar ao Estado os maiores recursos, prevalece o da energia e dos transportes. Entrelaçado a ambos, está o pulsatante problema do petróleo nacional.

A esse respeito, o Conselho Nacional de Economia, publicado em "Exposição Geral Econômica do Brasil".

"Consideramos que a importação de petróleo e derivados nos absorvem cerca de 11% do total que pagamos ao exterior e 17% na área de moedas convertíveis. Se não os importássemos de todo, poderíamos comprar mais 350 milhões de cruzeiros

por mês (ou seja 3.500 milhões anuais) das moedas e equipamentos, sem prejudicar a balança de pagamentos e sem inflacionar a circulação monetária.

Assim, fácil é aquilatar as grandes lutas que poderiam vir da exploração do petróleo nacional, desde que sob forma de monopólio do Estado, conforme Vossa Excelência gentilmente traçou na "Revista de Globos", n. 6, de novembro de 1948, pag. 75.

"Devemos entregar o petróleo ao monopólio estatal. O Governo e quem deve explorar. Se permitirmos a capital particular, nacional ou estrangeira, nosso petróleo pode cair nas mãos dos testas de ferro.

No plano econômico outros aspectos a considerar seriam: a valorização das nossas exportações, principalmente das matérias-estratégicas, e a urgente solução do problema agrícola, com mecanização das atividades agrícolas, facilitação de empréstimo, armazenamento e transportes eficientes, expansão do crédito especializado, além do estudo da sistema de distribuição de terras, principalmente entre os próprios nacionais, dedicados das áreas terras do norte.

São esses aspectos todos do problema do desenvolvimento econômico. Dependem todos, naturalmente, de uma organização estrutural de um funcionamento equilibrado do conjunto.

Se os nossos recursos de petróleo ao monopólio estatal. O Governo e quem deve explorar. Se permitirmos a capital particular, nacional ou estrangeira, nosso petróleo pode cair nas mãos dos testas de ferro.

ram os "defeitos" inflacionários, exigida a emissão. Devem elas, pois, ser reduzidas ao mínimo.

Convém salientar, aqui, que a própria Verba Material por nós, em alguns casos, redução de 20 a 50%.

VI — JUSTIFICATIVAS DO ANTE-PROJETO

O substitutivo que apresentamos, portanto, quer aos anseios do funcionalismo. Foi elaborado atendendo a opinião da classe, claramente expressa em cartas, telegramas que chegaram às mãos da Comissão, sem falar no memorial básico.

O substitutivo não exclui nenhuma categoria de servidores dos benefícios do aumento Abrange, assim, o pessoal efetivo, o extrínsecos, em todas as suas categorias, o pessoal das verbas 3 e 4, o das autarquias, os imitativos e os pensões. Sua amplitude parte do princípio de que qualquer discriminação é odiosa. Todos sofrem os efeitos da baixa e salário real. Todos igualmente, fazem jus ao aumento de remuneração.

Não poderia o substitutivo, também, deixar de atender aos justos reclamos por uma reestruturação, a que, aliás, deve ser efetuada no próprio interesse da administração.

Como, porém, reestruturação o aumento só dois problemas distintos, requerem distinta solução. Daí, propomos o prazo de 60 dias para sua conclusão, visando, assim, a uma reestruturação, a que, aliás, deve ser efetuada no próprio interesse da administração.

Assim, procuramos cumprir o nosso dever. O substitutivo que temos a honra de submeter a elevada apreciação de Vossa Excelência, em nome, e a prova de que afirmamos.

Aproveitamos a oportunidade para apresentar a Vossa Excelência os protestos do nosso mais profundo respeito.

CÉSAR ALFAIATE

TECIDOS NACIONAIS E ESTRANGEIROS
TAILLEURS PARA SENHORAS
CREDIÁRIO: — FONE: 37-0114

Protesta o C. M. de Niterói Contra a Prisão de Duclos

Entregue ao embaixador da França veemente mensagem de protesto

O Comitê Municipal de Niterói do Partido Comunista do Brasil, enviou ao embaixador da França a seguinte mensagem de protesto contra as perseguições contra os patriotas franceses, especialmente, contra a ilegal prisão do grande líder do povo francês, deputado Jacques Duclos, secretário geral do P.C.F.

Não desdenhamos também, do aumento do salário-família — salário social por excelência — e das medidas tendentes a evitar acréscimos de novas despesas.

Quanto à tabela de aumento proposta, há exposições as devidas considerações.

E de salientar, ainda, que 10% da despesa reverterá aos próprios cofres públicos, na forma de impostos.

Podemos, portanto, agradecer ao Senhor Presidente, ser concedido o aumento pleiteado, desde que rigorosas medidas sejam tomadas no sentido de estimular o desenvolvimento econômico-financeiro do país. Por este motivo, os servidores devem acompanhá-lo, a fim de evitar a especulação.

Assim, procuramos cumprir o nosso dever. O substitutivo que temos a honra de submeter a elevada apreciação de Vossa Excelência, em nome, e a prova de que afirmamos.

Aproveitamos a oportunidade para apresentar a Vossa Excelência os protestos do nosso mais profundo respeito.

O Comitê Municipal de Niterói do Partido Comunista do Brasil, dirige o mais veemente protesto por intermédio de Vossa Excelência ao governo do nosso país, por motivo da ação reacionária contra os patriotas franceses que não concordam com a política de guerra e submissão aos imperialistas americanos, culminando com a prisão do grande dirigente político da classe operária e do povo francês, Jacques Duclos, cuja prisão de forma alguma poderá ser compreendida, sendo como uma imposição do Departamento de Estado.

Outrossim protestamos contra a prisão do patriota e jornalista André Sill e as perseguições de tipo fascista contra os partidários da paz em França, numa tentativa inútil de fazer calar a voz daqueles que não medindo sacrifícios, ontem conseguiram libertar o sagra do solo francês da botanazista, e hoje, incansavelmente, lutam para libertá-lo do não menos arrogante invasor — os imperialistas americanos — e que, sem dúvida, será conquistada, pois nesta luta estão todos os patriotas franceses!

Queira transmitir a vossa governo, sr. embaixador, os desejos do proletariado e do povo de Niterói de que seja devolvida a liberdade imediatamente aos líderes populares encarcerados, bem como seja posto fim às perseguições aos partidários da paz, no país de V. Excelência.

Atenciosamente — (Ass.) — O C. M. de Niterói do P.C.B.

TIC-TAC é total!

CONCERTOS RÁPIDOS E GARANTIDOS. VENDA DE CACHAÇOS DE QUALIDADE. APLICOS POPULARES!

PRACA DA INDEPENDENCIA, 31
C.O. 14 e 1.º AND. TEL. 42.7411

Nem Sala — Nem Dormitório

A solução moderna é montar o apartamento com peças adequadas. Disponíveis de peças adequadas para todos os compartimentos domésticos e caspantes dos mais variados tamanhos. Executam-se também móveis sob encomenda.

FABRIL DA S. O. FARMACÊUTICO. SIMPLICIDADE, CONFORTO E DISTINÇÃO.

RUA DO CATETE 100 — TEL. 25-4092

Uma Casa Residencial em Moscou

Em Moscou, na margem dos rios Moscou e Jauza está sendo ultimada a construção de uma grande edificação erguida segundo o projeto dos arquitetos A. Rostovski e D. Lichstein.

De pequenas quatro andares, recheadas de grãos vermelhos, com uma fachada arredondada, seivem, por assim dizer, de base a casa-gigante de intensa vida, que se releva até as nuvens com seus tetos cor-de-rosa. Na parte central, há uma torre de nove andares. Da torre, parte um funilado de 40 metros de altura, coroado por uma escultura de cinco pontas, engastada entre torres de ouro. Potentes colunas formam o portão à entrada do edifício.

Depois de atravessar o vestibulo principal do edifício, passamos junto aos apartamentos destinados à guarda de bicentários e orquestras de cânticos, para o bureau de emprego e a central telefônica automática de mil números. O sistema automático nos leva em 40 segundos ao 25 andar. Vemos ante nós um mundo silencioso, de uma beleza que comunica com um amplo vestibulo. A esquerda, uma peça de madeira no mesmo tom das portas. A direita, uma dispensa para guardar malhas e a roupa de um verão. Ao lado, há uma peça um espelho alto não foi colocado pelos ocupantes do apartamento mas pelos que construíram o edifício.

As paredes da cozinha, como as do quarto de banho, estão revestidas de azulejos brilhantes, desde o piso até o teto. Sob o mar, da janela, se encontra a zeladeira na turnê de inverno; os produtos são refrigerados por meio do ar que chega do exterior. Ao lado, uma geladeira elétrica. Junto à cozinha de gás vemos uma aspiradora de pó.

Os construtores têm trabalhado muito na tarefa de isolamento do som nos apartamentos. No apartamento real, a silênica, que não é um terrapão, mas pelo aparelho de rádio vizinho, nem pela sonora voz cantando do apartamento vizinho, nem pelo ruído das ruas de Moscou.

O vestibulo que aponta um apartamento de outro, onde alguém pode fazer ruído no corredor a porta do ascensor, está isolado por uma porta dupla que comunica com uma ampla antecâmara.

Os construtores se preocupam também de que nos apartamentos não haja ruído. O ruído é eliminado por meio de uma porta dupla que comunica com uma ampla antecâmara.

Folhinha do Movimento Carioca Pela Paz

JUNHO	
22	
4º Grupo	
C. F. DE COLEGIO	2.700 33%
C. F. DOS ABOGADOS	700 33%
C. F. DA SAUDE	5.142 31%
C. F. DE COLEGIO NETO	358 32%
C. F. DA CONSTRUÇÃO CIVIL	810 31%
C. F. DE S. CRISTÓVÃO	5.142 24%
C. F. DOS HOTELEIROS	626 22%
C. F. DOS ENGENHEIROS	225 22%
C. F. DA ZONA SUL	3.903 24%
C. F. DOS BANCARIOS	2.174 14%
C. F. DOS MEDICOS	284 13%
C. F. DOS FERROVIARIOS	1.372 11%

ENTREGA DE PRÊMIOS

Foram solenemente entregues os prêmios oferecidos pelo Movimento da Moradia Carioca Pela Paz nos milhares coletores do comando

"Tiradentes", realizado domingo último, pelos jovens cariocas.

Após a solenidade, realizada na sede do M.C.P.P., o dr. Rocha Faria, vice-presidente daquela entidade, tomou a palavra exaltando a iniciativa dos jovens.

100 MIL ASSINATURAS COLETADAS PELAS MULHERES

A Associação Feminina do Distrito Federal apresenta em seu haver, na campanha por um Pacto de Paz, o total de 100.341 assinaturas coletadas ao apelo do Conselho Mundial da Paz.

Suas associadas continuam vivamente empenhadas em cobrir a cota que lhes foi fixada, contribuindo assim para uma maior amplitude da campanha da paz. Os comandos coletores femininos trabalham diariamente em bairros, tendo indicado a Associação Feminina para a conquista de uma antiga meta em disputa há alguns meses.

Os jovens, com os quais foi combinada essa disputa, resolveram porém adiantar os pontos do seu relógio que se encontravam na hora zero. Deram uma autêntica demonstração de entusiasmo domingo último, coletando cerca de 8 mil assinaturas, e por esse motivo parecem que o páreo será um pouco duro para as mulheres. Quem chegará na dianteira?

ATO PUBLICO CONTRA A GUERRA BACTERIOLOGICA

O Movimento da Mocidade Carioca realiza, no dia 22, às 20 horas, na sede da Associação Democrática de Cascadura, um ato público contra a guerra bacteriológica desencadeada pelos intervenционistas norte-americanos na Coreia. Para comparecer a solenidade estão sendo convidados todos os partidários da paz do Distrito Federal, e os jovens em particular.

Assim, procuramos cumprir o nosso dever. O substitutivo que temos a honra de submeter a elevada apreciação de Vossa Excelência, em nome, e a prova de que afirmamos.

ACEITO PELOS SECURITARIOS O DESAFIO DOS AEROVIARIOS

O Conselho de Paz dos Securitários enviou aos aeroviários a seguinte carta:

"Em resposta ao desafio enviado a este Conselho pelo Conselho de Paz dos Aeroviários a 18-6-

PARTIDARIOS DA PAZ UM CANIBAL DEFINE A POLITICA IANQUE

Nosso objetivo implacável é conservar um controle indiscutível das mares, manter um controle indiscutível do ar, realizar rigorosamente nosso programa atômico, com praticidade nos plenamente a utilizar a arma atômica caso se torne necessário, e, mantendo forças terrestres bem equipadas e altamente desenvolvidas, encarregar nossos aliados das principais responsabilidades para as operações militares terrestres de defesa de suas próprias esferas de interesse territorial.

(General Mac Arthur, no Congresso da Legião Americana, Florida, 17 de outubro de 1951).

ACEITO PELOS SECURITARIOS O DESAFIO DOS AEROVIARIOS

O Conselho de Paz dos Securitários enviou aos aeroviários a seguinte carta:

"Em resposta ao desafio enviado a este Conselho pelo Conselho de Paz dos Aeroviários a 18-6-

DR. ARMANDO FERREIRA

Clinica Médica — Especialidade: tuberculose e doenças pulmonares, pneumotórax artificial, Consultório e residência. Travessa Manoel Coelho 206 — Telefone 5743 — (São Gonçalo)

CARLOS ESPORTES, FARMACIA, 414-AS, CONTRA COES, 100-10102

VENDAS CREDITO

Jewel

AV. 13 DE MAIO, 23 - 9.º and. Sala 932 — EDIFÍCIO PARCO

Vai Comprar Sapatos?

Lembre-se de que SAPATARIA RIBEIRO (a Casa do Trabalhador) vende sempre por menos

— RUA BUNDE

Não Será Encerrada a 30 de Junho A Campanha Por Um Pacto de Paz

O Movimento Carioca Pela Paz está chamando a atenção de todos os Conselhos e organizações que apoiam a campanha por um Pacto de Paz, entre as cinco grandes potências, de que a coleta de assinaturas ao importante apelo do Conselho Mundial da Paz, assim como a campanha, não se encerram a 30 de junho corrente, como vem sendo falsamente interpretado por alguns partidários da paz.

O M.C.P.P. está esclarecendo que essa data foi marcada pelo Movimento Brasileiro para a cobertura da cota de 5 milhões de assinaturas no Distrito Federal e que a campanha prosseguirá até 2 de julho, ao do IV Congresso Mundial dos Partidos da Paz, em Genebra, quando se dará o prazo final para a coleta de assinaturas.

AUMENTO DE SALÁRIOS PARA OS SAPATEIROS

reivindicado pelos sapateiros. A diretoria do Sindicato, em face do importante assunto que se trata, naquela hora, no décimo segundo andar do Ministério do Trabalho, a fim de acompanhar os debates que ali serão travados.

Realiza-se, amanhã, segunda-feira, no Departamento Nacional do Trabalho, às 17 hrs., a mesa redonda entre empregados e os industriais de calçados, para tratar do aumento de salários. Será tratado nessa reunião, sob o patrocínio do maior número de associados possí-

Trabalho Sob Espionagem Policial Na Fábrica de Tecidos Corcovado

Coação Policial Nos Sindicatos

Maria da Graça

O governo do sr. Getúlio Vargas, embora não possa ser considerado um governo autoritário, não deixa de ser um governo autoritário em certos aspectos. Um exemplo disso é a coação policial nos sindicatos. A diretoria do Sindicato dos Trabalhadores de Calçados, em face do importante assunto que se trata, naquela hora, no décimo segundo andar do Ministério do Trabalho, a fim de acompanhar os debates que ali serão travados.

Apesar da espionagem policial, que está submetida à Fábrica Corcovado, nossa reportagem conseguiu obter informações sobre os operários em seu intervalo para almoço.

As máquinas próximas à empresa, postavam-se silenciosas, porém, ouviam-se os passos dos operários, que se deslocavam para o intervalo. Alguns deles, ao chegarem ao intervalo, eram abordados por policiais, que os levavam para o Ministério do Trabalho, a fim de serem interrogados sobre a situação dos sindicatos.

Alguns deles, ao chegarem ao intervalo, eram abordados por policiais, que os levavam para o Ministério do Trabalho, a fim de serem interrogados sobre a situação dos sindicatos.

Os tiras ameaçam os trabalhadores — Ameaçados de tuberculose e pneumonia — Menores fazem serão — Nove horas de trabalho — Unem-se contra o terror

Até agora, não se sabe se os operários da Fábrica Corcovado, que estão sendo ameaçados de tuberculose e pneumonia, estão ou não sendo ameaçados. O fato é que os operários estão sendo ameaçados de tuberculose e pneumonia, e isso é um fato. Os operários estão sendo ameaçados de tuberculose e pneumonia, e isso é um fato.

Os operários estão sendo ameaçados de tuberculose e pneumonia, e isso é um fato. Os operários estão sendo ameaçados de tuberculose e pneumonia, e isso é um fato.

Menores de 12 a 14 Anos, Escravos Na Indústria Têxtil do Camerum

Greve dos meninos e meninas da Sociedade Africana Têxtil de Bessa, Douala — (Publicado no n.º de 1.º de Maio da revista da F.S.M.)

Na cidade de Douala, onde se encontra a Fábrica Têxtil de Bessa, há uma situação que é muito triste. Há muitos meninos e meninas que são escravos na indústria têxtil. Eles são obrigados a trabalhar longas horas, sem receberem nenhuma remuneração.



Um grupo de jovens grevistas, meninos e meninas, empregados da Sociedade Africana Têxtil, de Bessa, Douala.

Os meninos e meninas da Sociedade Africana Têxtil de Bessa, Douala, estão em greve. Eles estão sendo ameaçados de tuberculose e pneumonia, e isso é um fato. Os meninos e meninas da Sociedade Africana Têxtil de Bessa, Douala, estão em greve.

Os meninos e meninas da Sociedade Africana Têxtil de Bessa, Douala, estão em greve. Eles estão sendo ameaçados de tuberculose e pneumonia, e isso é um fato. Os meninos e meninas da Sociedade Africana Têxtil de Bessa, Douala, estão em greve.

Os meninos e meninas da Sociedade Africana Têxtil de Bessa, Douala, estão em greve. Eles estão sendo ameaçados de tuberculose e pneumonia, e isso é um fato. Os meninos e meninas da Sociedade Africana Têxtil de Bessa, Douala, estão em greve.

Os meninos e meninas da Sociedade Africana Têxtil de Bessa, Douala, estão em greve. Eles estão sendo ameaçados de tuberculose e pneumonia, e isso é um fato. Os meninos e meninas da Sociedade Africana Têxtil de Bessa, Douala, estão em greve.

Amanhã, Eleições no Sindicato Dos Comerciantes

Terão início amanhã, e prosseguirão até terça e quarta-feira, as eleições para diretoria e Conselho Fiscal do Sindicato dos Empregados no Comércio do Rio de Janeiro. Estão inscritos para concorrer no pleito três chapas, encabeçadas pelos srs. Luiz José Batista Guimarães, Jaime de Azevedo e Arlides Alonso da Costa.

Os associados deverão comparecer durante o horário de funcionamento das Mesas Eleitorais, no local de votação, para votar. O horário de votação será das 8 às 14 horas, das 14 às 22 horas e das 22 às 6 horas da manhã. Os associados deverão comparecer durante o horário de funcionamento das Mesas Eleitorais, no local de votação, para votar.

VIDA SINDICAL

DISSÍDIO TRANSFORMADO EM DILIGÊNCIA

O dissídio coletivo em que os trabalhadores da indústria de cerveja e bebidas pleiteiam aumento de salários, foi transformado em diligência, baixando o SEDIT para ser fornecida nova certidão que determine o aumento percentual do custo da vida no período compreendido entre janeiro de 1949 a novembro de 1951 e de janeiro de 1949 a fevereiro de 1952, data em que foi ajuizado o dissídio. Essa medida foi tomada porque aquele Serviço havia fornecido duas certidões para o primeiro período, em que as percentagens eram discordantes.

JUNTA GOVERNATIVA NO SINDICATO DA CONSTRUÇÃO CIVIL

Em face dos desmandos havidos ultimamente no Sindicato dos Trabalhadores da Indústria de Construção Civil do Rio de Janeiro, nos quais a diretoria ultrapassou as despesas previstas para o exercício passado em mais de um milhão de cruzeiros e por isso foi destituída pelos associados, deverá ser realizada dentro de breves dias uma assembleia naquela entidade na qual os associados nomearão uma diretoria provisória até que sejam realizadas as eleições.

EMPRESTIMO NA CAIXA ECONOMICA

Os ferroviários da Leopoldina estiveram com o presidente do Sindicato a que estão filiados, a fim de reivindicarem o direito de obter um empréstimo na Caixa Econômica. Os trabalhadores argumentam que possuem a Leopoldina a maior dívida para com o Estado e que, portanto, têm direito de obter um empréstimo na Caixa Econômica.

ALISTAMENTO PARA OS FERROVIÁRIOS

Deverá ser realizado na próxima semana, no Departamento Nacional do Trabalho, uma mesa redonda para tratar do aumento de salários reivindicado pelos ferroviários.

ROUBADOS OS OPERÁRIOS DO MOINHO GUANABARA

Trabalho geral e obrigatório aos domingos — Burlada as leis trabalhistas — Campanha de sindicalização

O movimento sindical é uma das principais formas de luta dos trabalhadores. No Moinho Guanabara, os operários estão sendo roubados de seus direitos. Eles estão sendo obrigados a trabalhar aos domingos, sem receberem nenhuma remuneração.

Os operários estão sendo obrigados a trabalhar aos domingos, sem receberem nenhuma remuneração. Eles estão sendo roubados de seus direitos.

Os operários estão sendo obrigados a trabalhar aos domingos, sem receberem nenhuma remuneração. Eles estão sendo roubados de seus direitos.

Os operários estão sendo obrigados a trabalhar aos domingos, sem receberem nenhuma remuneração. Eles estão sendo roubados de seus direitos.

Os operários estão sendo obrigados a trabalhar aos domingos, sem receberem nenhuma remuneração. Eles estão sendo roubados de seus direitos.

Os operários estão sendo obrigados a trabalhar aos domingos, sem receberem nenhuma remuneração. Eles estão sendo roubados de seus direitos.

Os operários estão sendo obrigados a trabalhar aos domingos, sem receberem nenhuma remuneração. Eles estão sendo roubados de seus direitos.

Os operários estão sendo obrigados a trabalhar aos domingos, sem receberem nenhuma remuneração. Eles estão sendo roubados de seus direitos.

Os operários estão sendo obrigados a trabalhar aos domingos, sem receberem nenhuma remuneração. Eles estão sendo roubados de seus direitos.

Os operários estão sendo obrigados a trabalhar aos domingos, sem receberem nenhuma remuneração. Eles estão sendo roubados de seus direitos.

ATENÇÃO

Reparação de motores, aparelhos elétricos, aquecedores e fogões a gás, mecânica em geral, chame Rê ou Ramon pelo telefone 42-9954.

O Caderno de Sunchon

(N.º 21)

Estremecer. E, arrojando ao chão o fôstoro totalmente quebrado, soprou os dedos e sacudi a mão.

— Bom, pode ir-se — disse fazendo uma careta —. Espere que o telefone.

Harshberger chamou um tenente e ordenou-lhe que se desviasse para o edifício. Ao despedir-se, advertiu-lhe que não se esquecesse de levar o caderno de Sunchon para a segunda seção do Estado Maior, em figura de um defunto e, portanto, devia esquecer para sempre seu verdadeiro nome, mas recordar sempre o apelido e o grau constante do certificado médico. Em seguida voltou a exigir-me juramento de que nãoalaria a ninguém sobre nossa entrevista. Jurei, por minha honra de oficial japonês, guardar completo segredo.

O ESCRITÓRIO PRINCIPAL

Ao regressar, contei tudo a li: como fora parar no Estado Maior norte-americano, minha entrevista com Harshberger e nossa combinação. Li escutou-me, como sempre de braços cruzados sobre o ventre, balançando, satisfeito, a cabeça.

— Felizmente, tudo saiu bem. Deves agradecer ao espírito do C.I.C. Considera-te auxiliado. Agora podes trabalhar sem precauções em meu escritório.

— Para vender adubos de levedura? — inquiri, fazendo uma careta de nojo.

— Não, agora podes falar-te sobre outros negócios mais interessantes de nosso escritório.

Comecei meu relato a partir da chamada reunião de Manilha. Immediatamente após a radiodifusão do angusto decreto imperial de capitulação, o general Mac Arthur chamou a Manilha o tenente general Kawabe, segundo chefe do Estado Maior Central japonês. Mac Arthur recebeu pessoalmente o general Kawabe e manteve com ele, em presença do general Sutherland, uma entrevista. Nela, Mac Arthur fez indicações secretas ao representante do comando japonês.

De volta a Tóquio, Kawabe informou de tudo ao soberano, e o governo imperial passou imediatamente a por em prática as indicações de Mac Arthur.

O general Okamura, chefe supremo das forças japonesas na China, recebeu ordem de fazer, sem demora, um acordo secreto com Ho In-shin, chefe do Estado Maior Central do Kuomintang. E o tenente general Sumida, comandante do grupo de exércitos da primeira frente, recebeu ordem de fazer também um acordo

ROMAN KIM

TRADUÇÃO DE ARY DE ANDRADE

com o marechal Yen Hsi-shan. Ambos os acordos foram feitos na base de que a capitulação das tropas nipônicas na China fosse condizente de forma a não permitir que passassem para as mãos dos comunistas chineses as regiões mais importantes da China. Em caso de necessidade, cabia às tropas nipônicas combater contra os vermelhos ao lado das tropas do Kuomintang. Em seguida, recebeu-se de Okamura a informação de que se entrevistara com Ho In-shin em Chitsiang, com o qual firmara o acordo desejado.

Imediatamente, começou o reajustamento das forças armadas japonesas na metrópole. A medida que se dissolviam as unidades e as instituições militares, eram criados diversos agrupamentos de desmobilizados: cooperativas, escritórios, comunidades agrícolas, clubes. Isso se fazia para evitar a dispersão da oficialidade. Qualquer que fosse seu caráter e nome, todos esses agrupamentos de oficiais haviam passado para o controle do Estado Maior e do Chefe supremo norte-americano.

Mais tarde, entregaram-se ao comando norte-americano as listas de desmobilização do exército japonês e os arquivos secretos do Estado Maior Central: antes de mais nada, os materiais relacionados com o plano Ishihara e uma de suas variantes, que tinha o nome cifrado de "Manhã", especiais do exército de Kwantung.

Numa palavra, todas as indicações do chefe supremo norte-americano foram cumpridas.

— Que seção do Estado Maior norte-americano trata dos assuntos relativos aos agrupamentos de desmobilizados? — perguntei.

— Uma seção especial, que dirige a organização de formações de polícia japonesa. Na realidade, porém, as funções da seção são muito mais amplas. Ela tem o nome de escritório "Z.F.S."

— Como se decifra isso?

— "Z.F.S." é a contração da frase "zero hora, a hora decisiva, e a F significa "forças, forças armadas."

— Forças armadas para a hora decisiva? — E um nome muito significativo!

— É isso que sim com a cabeça.

— Claríssimo. Significa que os norte-americanos decidiram herdar o plano Ishihara. Realizar aquilo que não podemos.

— E significa também que não poderão prescindir de nossa ajuda.

— Sem dúvida.

Miramos nos rapidamente e desentão a rir. Li retirou do armário uma garrafa de "Cognac branco" e chieiras de chá. Comecei a beber café frio.

Conheça seus Direitos

PREVIDENCIA SOCIAL

Alberto Carmo

NESTOR MOREIRA FILHO — Nesta Continuação.

1) aposentadoria por velhice:

a) com 65 anos de idade e 60 contribuições, igual à da aposentadoria por velhice;

2) com 60 anos de idade e 60 contribuições, uma mensalidade reduzida;

3) auxílio-funeral — não há período de carência;

4) pensão — 24 contribuições mensais;

5) Instituto dos Marítimos:

a) Auxílio por doença, aposentadoria por invalidez e pensão por morte;

b) auxílio maternidade e aposentadoria por velhice — não tem período de carência;

c) auxílio-funeral — não há período de carência;

d) auxílio-funeral — não há período de carência;

e) auxílio-funeral — não há período de carência;

f) auxílio-funeral — não há período de carência;

g) auxílio-funeral — não há período de carência;

h) auxílio-funeral — não há período de carência;

i) auxílio-funeral — não há período de carência;

j) auxílio-funeral — não há período de carência;

k) auxílio-funeral — não há período de carência;

l) auxílio-funeral — não há período de carência;

m) auxílio-funeral — não há período de carência;

n) auxílio-funeral — não há período de carência;

o) auxílio-funeral — não há período de carência;

p) auxílio-funeral — não há período de carência;

q) auxílio-funeral — não há período de carência;

r) auxílio-funeral — não há período de carência;

s) auxílio-funeral — não há período de carência;

t) auxílio-funeral — não há período de carência;

u) auxílio-funeral — não há período de carência;

v) auxílio-funeral — não há período de carência;

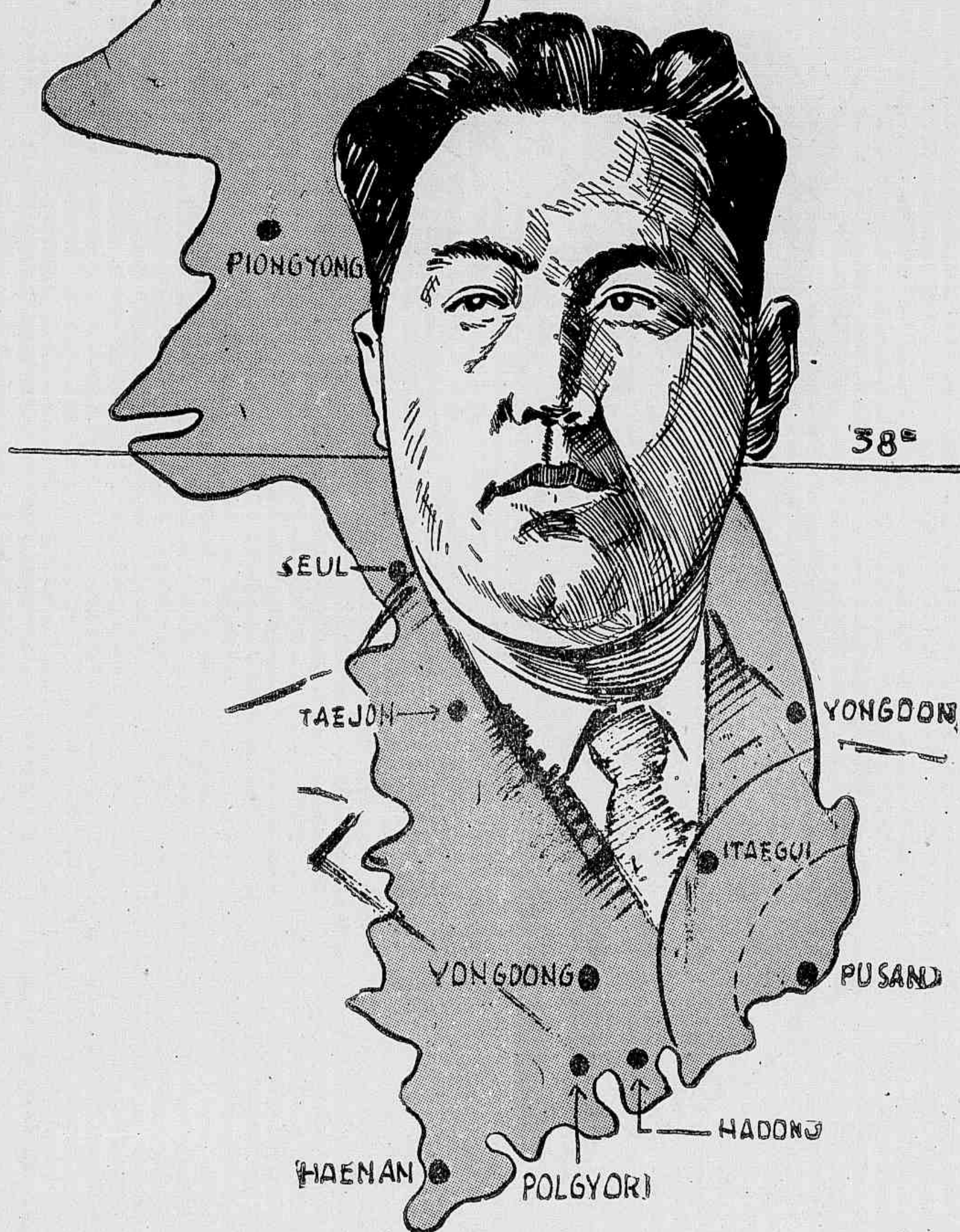
w) auxílio-funeral — não há período de carência;

x) auxílio-funeral — não há período de carência;

y) auxílio-funeral — não há período de carência;

z) auxílio-funeral — não há período de carência;

CORÉIA 2 ANOS de RESISTÊNCIA HEROICA!



A 25 de junho de 1950 os povos do mundo inteiro tiveram notícia da covarde agressão ao valente povo da República Popular da Coréia. Naqueles dias de grande tensão internacional, quando os imperialistas buscavam o menor pretexto para o desencadeamento da terceira guerra, a imprensa vendida aos senhores do dólar procurava mascarar a agressão, informando cínicamente que os coreanos do norte haviam invadido a Coréia do Sul, atravessando o paralelo 38. Pouco depois a farsa caía por terra. O Ministro do Exterior da República Popular da Coréia divulgou um comunicado em que declarava: «Na madrugada de 25 de junho, as forças do chamado exército nacional do governo fantoche da Coréia, Singman Ri, iniciaram inesperadamente um ataque contra o território da Coréia Setentrional em toda a extensão do Paralelo 38. Em seu ataque de surpresa, o adversário da Coréia Setentrional invadiu o nosso território na profundidade de um ou dois quilômetros ao norte do paralelo, atingindo três localidades». Poucos dias depois, num avanço espetacular sobre Seul, os patriotas coreanos, auxiliados pelos guerrilheiros, que operavam na Coréia do Sul, capturavam documentos em poder do governo fantoche, desmascarando a trama sinistra do governo dos Estados Unidos, que havia preparado a invasão.

Ante o fracasso estrondoso das tropas de Singman Ri, que tinham sido instruídas e armadas pelos generais ianques para essa agressão, o governo de Truman ordenou a suas próprias tropas, que para isso já se achavam de prontidão, acorressem imediatamente em auxílio dos agressores. E assim foi feito. Dias depois tentando coonestar essa intervenção brutal e cínica na vida de um país a milhares de milhas de distância dos Estados Unidos, o governo ianque reuniu ilegalmente o Conselho de Segurança da ONU e ali, por meio de sua máquina de votar, «aprovou» seu próprio ato de intervenção na Coréia. Isto, sem a presença no Conselho dos representantes da URSS e da China, quando é sabido que aquele órgão só pode tomar decisões de tal natureza por unanimidade e mais: estendeu esse ato à China, mandando que a 7.ª Esquadra americana colocasse praticamente sob sua tutela a Ilha Formosa, onde ainda se encontra refugiado o sanguinário Chiang Kai Chek.

Naqueles dias, o governo fantoche de Singman Ri efetivamente estrechava. A ditadura desse ítere só dispunha, havia já algum tempo, do domínio das cidades maiores do território sul-coreano. As pequenas cidades e grandes extensões de terra já se encontravam nas mãos dos guerrilheiros. Era preciso aos gangsters americanos impedir que esse movimento acabasse por libertar completamente o país. E foi assim que o plano monstruoso, minuciosamente elaborado pelo general Bradley e pelo então ministro da Defesa, Johnson, foi posto em execução.

A intervenção americana encheu de ódio o povo coreano, fazendo com que os combatentes redobrassem seu ímpeto e seu esforço e assim inflissem sérias derrotas aos invasores. A despeito da superioridade do inimigo em armas e homens, sobretudo em aviação e artilharia, os exércitos coreanos avançaram para o sul, caindo em seu poder Seul, Andong, Kunchow e Taegu. A princípio de agosto já os coreanos estavam às portas de Pusan, o último reduto dos agressores, para onde se tinha transferido o governo fantoche de Singman Ri. O ímpeto da investida do Exército Popular desmoralizou completamente a fanfarronada ianque e provou quais eram os invasores. Em nenhuma cidade, em nenhuma vila, em nenhuma aldeia, eram os americanos bem recebidos. Pelo contrário: os guerrilheiros lhe davam caca, o povo sabotava conscientemente o invasor, preparando o terreno para o Exército de Libertação.

Jogaram então os ianques todo o poder de sua máquina de guerra. Exortaram que outros países o acompanhassem nessa sangrenta e imunda aventura contra o povo da Coréia, onde antes florescia o trabalho pacífico, onde as máquinas agrícolas e os altos fornos começavam a transformar aquele pequeno país do extremo oriente numa grande nação industrializada e onde hoje as sementes são plantadas nas terras encimadas pelos lança-chamas e adubada com o sangue do herói.

(Conclui na 7ª Página)

2.º
Caderno

IMPRENSA POPULAR

NÃO PODE SER
VENDIDO
SEPARADA-
MENTE

Duas Políticas na Coreia Após a II Guerra Mundial

TRECHOS DE UM TRABALHO DE F. S. SILABSEINA, INTITULADO: «A COREIA APÓS A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL»

A Coreia é um país onde o caráter da crise do pós guerra do sistema colonial do imperialismo se revela em toda a sua profundidade. Foi a primeira colônia libertada da opressão imperialista em consequência da 2.ª guerra mundial. A questão do curso do seu desenvolvimento e do seu destino futuro tornou-se motivo de uma aspera e prolongada luta entre as forças da democracia e as forças da agressão.

«A Questão Coreana» é a ilustração de duas políticas, de duas tendências para a solução do destino dos países coloniais, de duas linhas diametralmente opostas. De um lado demonstra a política da União Soviética, que é corrente, pois é baseada no respeito ao direito soberano dos povos de orientarem o seu próprio desenvolvimento democrático, e de outro a política predatória e agressiva do imperialismo americano, que tem como objetivo a opressão dos povos e a sua transformação em escravos coloniais do dólar.

O território da Coreia não se tornou simplesmente o ponto de confluência e dessas duas tendências políticas opostas na solução do problema colonial. Ali é que essas duas tendências encontram o seu campo de provas e experiências na vida prática. Duas partes da República Popular Democrática da Coreia, o Norte, onde gratos pela ajuda do Estado Soviético o seu Exército, o povo, tendo à frente a sua classe operária, leva por diante transformações históricas e planta os firmes alicerces da Democracia Popular, e o Sul, que geme sob o peso da bota dos colonizadores americanos. Essa a expressão geográfica dessas duas políticas, que demonstram aos olhos dos povos do mundo colonial o poderoso auxílio que lhes dá a política de paz e assistência fraternal da União Soviética e o que os objetivos da política imperialista dos Estados Unidos lhes trazem.

A Coreia é um exemplo gráfico da bancarrota da política colonial do imperialismo e um índice do fato que:

«sob as condições atuais, as nações imperialistas como os Estados Unidos, Grã Bretanha e países seus associados, tornam-se perigosos inimigos da independência e da autodeterminação de outras nações, enquanto que a União Soviética e as novas democracias são o seguro baluarte contra as invasões e a sua autodeterminação e igualdade de direito». (A. A. Ihdanov, «A Situação Internacional», Publicações em Línguas Estrangeiras, Moscou, 1947, pág. 31).

A Coreia é um exemplo claramente ilustrativo da crise do sistema colonial. A formação da República Popular Democrática da Coreia, o início do desenvolvimento da Democracia Popular no norte do país, bem como o poderoso movimento de libertação nacional que avassala o sul, indicam a abertura de uma nova brecha no sistema colonial do imperialismo.

PRIMEIRO PERÍODO APÓS A LIBERTAÇÃO — AGOSTO-DEZEMBRO — 1945

Em agosto de 1945 os exércitos soviéticos derrotaram as melhores forças japonesas — o Exército do Kwantung — e libertaram o povo coreano da opressão colonial que se prolongava por muitos anos.

Nos termos de um acordo assinado entre a URSS e os Estados Unidos, a Coreia ficou, temporariamente, dividida em duas zonas: ao norte do Paralelo 38, zona sob a supervisão do Exército Soviético, e ao sul, sob supervisão das forças armadas americanas. Essa divisão deveria ser temporária. A questão do futuro destino das colônias libertadas estava em fase de consideração especial.

Imediatamente após a libertação teve início um rápido processo de reerguimento da atividade social no Norte e no Sul da Coreia.

A perspectiva da próxima criação de um Estado democrático independente incentivava de forma sem precedentes o crescimento da atividade política e a energia criadora do povo coreano. Diferentes partidos e organizações públicas entraram a se organizar de forma espontânea. Por toda parte o povo se reunia em «meetings» e demonstrações, nos quais manifestava de forma clara e eloquente o seu amor e gratidão ao seu verdadeiro amigo e aliado, a União Soviética.

Sob a pressão popular as autoridades japonesas que permaneceram no país até a entrada das forças americanas e soviéticas, tiveram que libertar os presos políticos. Emergindo do mais profundo «underground» e das câmaras de tortura japonesas, o Partido Comunista, sob a liderança de um experimentado revolucionário profissional, Pak Hen

En, lançou-se à tarefa de reorganizar as suas fileiras.

Era 22 de agosto de 1945 foi organizado um comitê preparativo para reorganizar o P. C. e elaborar um programa de ação. O Partido Comunista tornou-se o núcleo combatente de todas as forças progressistas do país.

Logo nos primeiros dias após a capitulação do Japão, um Comitê Preparatório foi criado em Seul para a organização de um poder do Estado na Coreia. Simultaneamente, nas cidades e vilas do Norte e do Sul, por iniciativa do povo, começaram a surgir os Comitês Populares. Em muitos lugares esses Comitês receberam a denominação de «Comitês Preparatórios» para a organização do poder do Estado, e em outros, de Comitês Políticos Populares como outros eram iguais: órgãos do poder popular coreano.

Em Seul, no dia 6 de setembro, em essência tanto uns tremeiro, realizou-se o I Congresso dos Representantes do Povo com a participação de mais de 1.000 delegados. Esse Congresso elegeu o Comitê Central Popular da República Coreana, do qual participaram representantes de diferentes partidos e concepções políticas.

A Declaração de Princípios adotada pelo Comitê Central Popular reza:

1) — Construir um Estado auto-suficiente, política e economicamente independente;

2) — Liquidar os remanescentes do imperialismo japonês e as sobrevivências do sistema feudal em nosso país, e nos devotarmos aos princípios e ideais de uma verdadeira democratização de base, na qual as necessidades políticas e econômicas da nação devem encontrar satisfação;

3) — Assegurar a rápida elevação do nível de vida dos trabalhadores, camponeses e de todos os assalariados;

4) — Sendo um dos países democráticos do mundo, defender a causa da paz ao lado das demais nações democráticas.

O Comitê Central Popular assinalou como suas tarefas práticas:

a) — Revogação imediata de todas as leis e decretos dos colonizadores japoneses;

b) — Nacionalização da terra pertencente aos japoneses e traidores do povo coreano, e a sua transferência, livre de qualquer onus, para os camponeses;

c) — Nacionalização das empresas, fábricas, minas, ferrovias, transportes marítimos, bancos e transportes em geral, pertencente aos japoneses;

d) — Colocar todas as empresas comerciais e industriais sob o controle do Estado;

e) — estabelecer a jornada de 8 horas de trabalho; para os menores de 18 anos a jornada de 6 horas, e proibição do emprego de menores de 14 anos;

f) — para a garantia da liberdade política: liberdade de expressão, de imprensa, de reunião e organização, e de eleição para o povo coreano;

g) — garantia do direito de voto para todos os cidadãos que atingirem a idade de 18 anos, independentemente de sexo ou quaisquer outras restrições, com exce-

ção dos traidores do povo; igualdade de direitos para a mulher;

h) — obrigatoriedade da instrução e educação primárias.

Ao lado disso, medidas foram estudadas para a regulamentação dos preços, restauração da indústria, abolição das rações obrigatórias de arroz, e do desemprego. Esse programa democrático do Comitê Central Popular foi popularizado e divulgado pelos comitês locais entre as amplas massas e aceito pelo povo com grande satisfação. Contudo, a sua realização só foi possível no Norte do país. O Exército Soviético, que entrou na Coreia como força liberadora, prestígio e apoiou a iniciativa das massas populares em sua zona de controle, reconheceu os Comitês Populares como os órgãos legais do poder e criou condições favoráveis ao exercício de sua atividade.

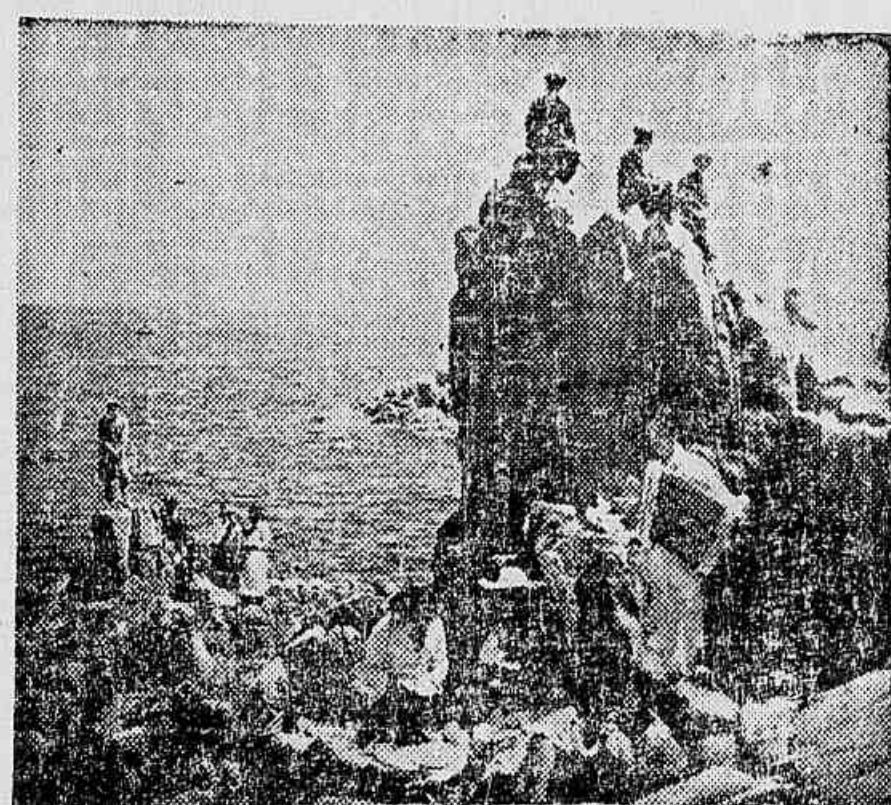
O poder popular no Norte da Coreia, com a ajuda e apoio das tropas soviéticas, lançou-se imediatamente à tarefa de extirpar todos os remanescentes do domínio japonês no país e demolir, até aos alicerces, o aparelho da opressão colonial nipônica. Os colonizadores japoneses e seus cúmplices coreanos foram privados de toda e qualquer possibilidade de exercer influência sobre a vida nacional.

Toda a grande indústria, minas, estradas de ferro e outros meios de transportes, bancos, que haviam sido inicialmente, colocados sob controle da administração soviética, o que preservou a riqueza nacional, foram em seguida transferidos ao controle do poder popular. Comitês de operários foram organizados nas minas e nos poços. Os japoneses foram removidos de todos os postos de administração, dispensados do trabalho na indústria ou, no caso dos que foram aproveitados, colocados sob controle dos Comitês de operários. Escolas, hospitais, edifícios e residências, e as propriedades territoriais pertencentes a cidadãos japoneses foram confiscadas e passaram à administração dos Comitês Populares.

A presença das tropas soviéticas e o apoio que davam às forças patrióticas e progressistas no país, contribuíram para a mais rápida consolidação da democracia na Coreia do Norte e, por outro lado, para o despertar das forças da reação.

Em Outubro de 1945, foi criado o Bureau de Organização do Comitê Central do Partido Comunista da Coreia do Norte, tendo à frente o mais famoso herói nacional e maior dirigente político da Coreia, Kim Ir Sen. Até então o papel de centro do Partido na zona norte havia sido desempenhado pelo Comitê Regional de Phen Yan. O Partido Comunista liderou a luta do povo em prol das transformações democráticas e da criação do Estado Independente, Unitário e Democrático da Coreia.

Sob a liderança dos comunistas na Coreia do Norte foram criados os Sindicatos e organizações operárias, organizações da Juventude Comunista, das Mulheres Democráticas. União camponesas começaram a surgir nas vilas e foram depois reunidas na Federação das



Os habitantes da República Popular da Coreia experimentaram uma nova vida após a libertação de seu país pelas tropas soviéticas. A fome, a miséria, o analfabetismo e a doença foram relegados ao passado. Dedicados ao trabalho fático e construtivo, era comum observar-se espetáculos como este entre os norte-coreanos.

União Camponesas. Uma Frente Democrática Nacional foi criada no país. Também, nos Comitês Populares os comunistas desempenharam papel dirigente.

Torna-se perfeitamente evidente que sob tais condições, criadas desde os primeiros dias da libertação, a reação, na Coreia do Norte, não encontrava «chance» para agir abertamente. Os elementos reacionários remanescentes do feudalismo latifundiário, acumpliciados com os japoneses que permaneciam na região, sentindo a terra lhes fugir sob os pés e a poderosa força que a eles se opunha, procuraram por toda a parte forjar planos de traição e sabotagem. Tentaram penetrar nos órgãos de poder popular, ocupar dentro deles uma posição de liderança e, do seu interior, desorganizá-los. Verificaram-se casos em que grandes proprietários de terras, mascarando-se de democratas, transferiram as suas propriedades para os Comitês Populares, assegurando-se com isso a sua permanência no aparelho dos Comitês e forçando o caminho para as suas direções. Ao lado disso, procuravam por todas as formas colocar os seus agentes em postos importantes da administração.

A resistência do inimigo de classe se refletiu desde logo na sabotagem às decisões do Poder Popular, que taxara os proprietários de terras em 37% de suas colheitas além de outras medidas decretadas pelos Comitês Populares. O Partido Comunista da Coreia do Norte, apoiado pelas organizações democráticas de massa, empreendeu vigorosa luta em prol da consolidação desses Comitês, em consequência da qual foram eles expurgados dos elementos reacionários, reconhecidamente pró-japoneses, e se tornaram, então, um poderoso apoio do novo poder democrático.

Situação inteiramente diversa foi criada na zona americana—Coreia do Sul. Já antes da entrada das tropas americanas na Coreia, em 7 de setembro de 1945, o general Mac Arthur baixara uma ordem, conhecida sob o título de «Proclamação n. 2», na qual dizia que qualquer

cidadão que praticasse ação «com o objetivo de destruir a paz e ordem públicas, e deliberadamente cometesse atos hostis às tropas aliadas, seria, por decisão da Corte Militar de Ocupação, condenado a morte ou a outra punição imposta por essa Corte».

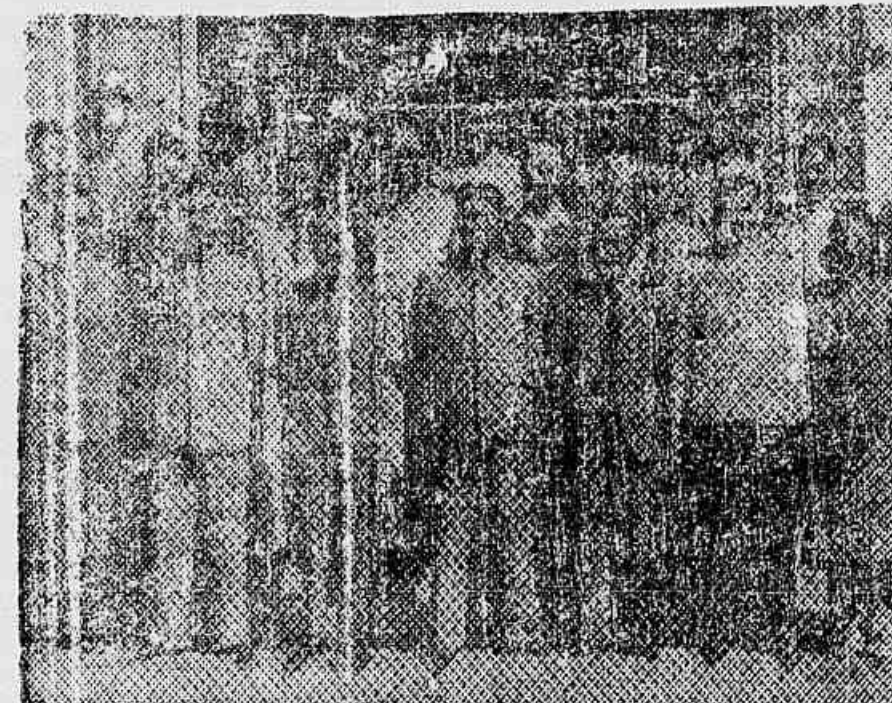
Quão rapidamente se tornou claro que o movimento nacional de libertação e a luta das massas populares por sua emancipação e pela democracia era considerada como atentado à ordem americana! O objetivo do regime político instaurado na Coreia do Sul era a supressão desse movimento e a derrota das forças democráticas.

As forças de ocupação americanas se recusaram a reconhecer como órgãos do poder o Governo Central Popular e os Comitês das cidades e localidades do país. Em 17 de Outubro de 1945, o general Hodge, no comando das tropas americanas na Coreia do Sul, declarou que a Administração Militar Americana era o único governo e a única autoridade que reconhecia nessa região da península.

As autoridades de ocupação dos Estados Unidos conservaram o sistema administrativo japonês, com todas as suas características coloniais, as leis nipônicas, ordens e regulamentos, enfim, o aparelho colonial completo, odiado pelo povo. No princípio chegaram a tentar conservar a administração japonesa em todos os órgãos do governo, a polícia e gendarmaria. Foi sob pressão popular que não o fizeram. Mas, enquanto afastavam os oficiais japoneses, colocavam em seus lugares «cidadãos coreanos experimentados». Isto é, ativos colaboracionistas. Além disso, pregavam a teoria favorita dos colonizadores, de não estar o povo coreano «preparado» para governar o seu país, teoria essa inteiramente refutada pela prática na Coreia do Norte.

xxx
Ao mesmo tempo em que prosseguiram em seus objetivos de colonização, as autoridades militares americanas, desde o primeiro dia da sua chegada na Coreia do Sul, dirigiram os seus esforços

Conclui na página 3)



Nesta fotografia aparece Kim Ir Sen rodeado dos membros que integram seu Gabinete. O Governo da República Democrática Popular da Coreia foi eleito em comícios exemplarmente democráticos em que votou 99,98% dos eleitores no norte do país, e, no sul, apesar do terror brutal do governo sítere de Syngman Rhee, 77,52%. Este é o governo que hoje dirige a luta do povo coreano em defesa de sua independência contra os invasores estrangeiros.

A ARTE COREANA

ARTISTAS COREANOS EM MOSCOW

FOTOGRAFIAS: 1) A bailarina coreana An Son Jun, em Moscou, executando a dança «Terra Libertada»; 2) Iseul Sin Ji, bailarina coreana, executando a dança «Maure Coreana»; 3) Artistas coreanos junto ao monumento a Minin e Pezharsk em Moscou; 4) Kim Van U, solista do Teatro de Arte de Piong Yang, cantando em Moscou uma ária da ópera «Os Guerrilheiros», do compositor Kim Sun Nam, Kim Van U cantou também na mesma ocasião, com grande sentimento, a canção popular soviética «Os barqueiros do Volga»; 5) Grupo de artistas do Exército Popular Coreano, que executou com enorme êxito a «Canção dos Soldados de Reconhecimento», de Kim Ok Sen e a canção «E' hora de partir» de Soloviov Sedoi; 6) Un Guen, solista do Teatro de Arte de Piong Yang, participou com grande sucesso de um concerto em Moscou, interpretando a canção popular coreana «A nova Casa» e a canção de Krol «O Passarinho».

O PRIMEIRO FILME COREANO

Y. MAIA

O primeiro filme coreano exibido em Praga foi «Dias de Amizade com a União Soviética». Isto aconteceu em 1950. Depois outros filmes foram exibidos e no Festival de Karlovy Vary de 1951, o cinema coreano conseguiu prêmios com documentários sobre a sua heroica luta contra o invasor norte-americano. Aqui no Brasil, nada conhecemos do cinema coreano e é natural que seja ele um dos alvos de nossa atenção neste suplemento dedicado à Coreia. Porém para satisfazer o conteúdo teríamos que assistir pelo menos o primeiro filme coreano exibido em Praga ou basear-nos nas nossas considerações em notas que no momento não dispomos.

Como tal não acontece, reparemos um pequeno artigo sobre o filme «Dias de Amizade com a União Soviética», publicado no «Mundo Estudantil» de Praga, procurando fazer com que o cinema participe neste suplemento dedicado à Coreia:

«Um velho ditador chinês compara o caráter humano aos dois pratos de uma balança, cheias até a metade. Em um deles está o amor, e o outro contém o ódio. Se discernimos o nível de um, em correspondência, sobre o nível do outro. Assim mesmo é o homem: por uma parte ama e, por outra, odeia».

Porém o homem que nasceu numa sociedade humana, livre, ama completamente. Ama tudo o que significa vida, ama o trabalho e trabalha com os outros povos, se une a eles na grande luta libertadora, ama, em primeiro lugar, o país do socialismo e a seu povo, do qual aprende a amar a União Soviética. Mas, o homem livre de nossos dias também sabe odiar. E o seu ódio está dirigido contra tudo o que significa decomposição ou morte, contra o velho regime e contra todos os que tratam de conservar sua vida pela violência.

Sobre este amor e ódio, que tem crescido nos corações das criaturas, é que se manifesta, hoje, com especial força, o primeiro filme coreano, que projeta ante nossos espectadores: «Dias de amizade com a União Soviética».

Suas cenas falam do amor com que o povo da Coreia recebeu a sua liberdade pelo Exército Soviético.

As flores, o canto, e, por último, as manifestações pelas ruas principais da Capital falam, sem comentários, numa linguagem clara: O homem soviético trouxe a liberdade para o povo da Coreia. Pertence a ele nossa confiança e nossa amizade eterna. Seu pai e mestre, o grande Stalin é, também, nosso mestre.

Amor para os amigos, e ódio para os inimigos que assambram em crimes indolentes e

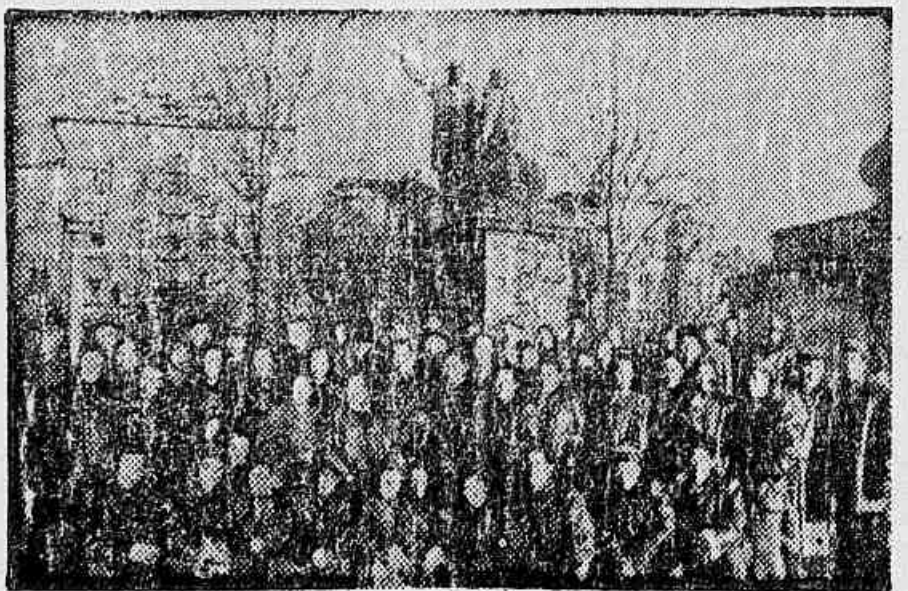
escreviam o homem. Ela aqui o que fala a jovem cinematografia coreana».



- I -



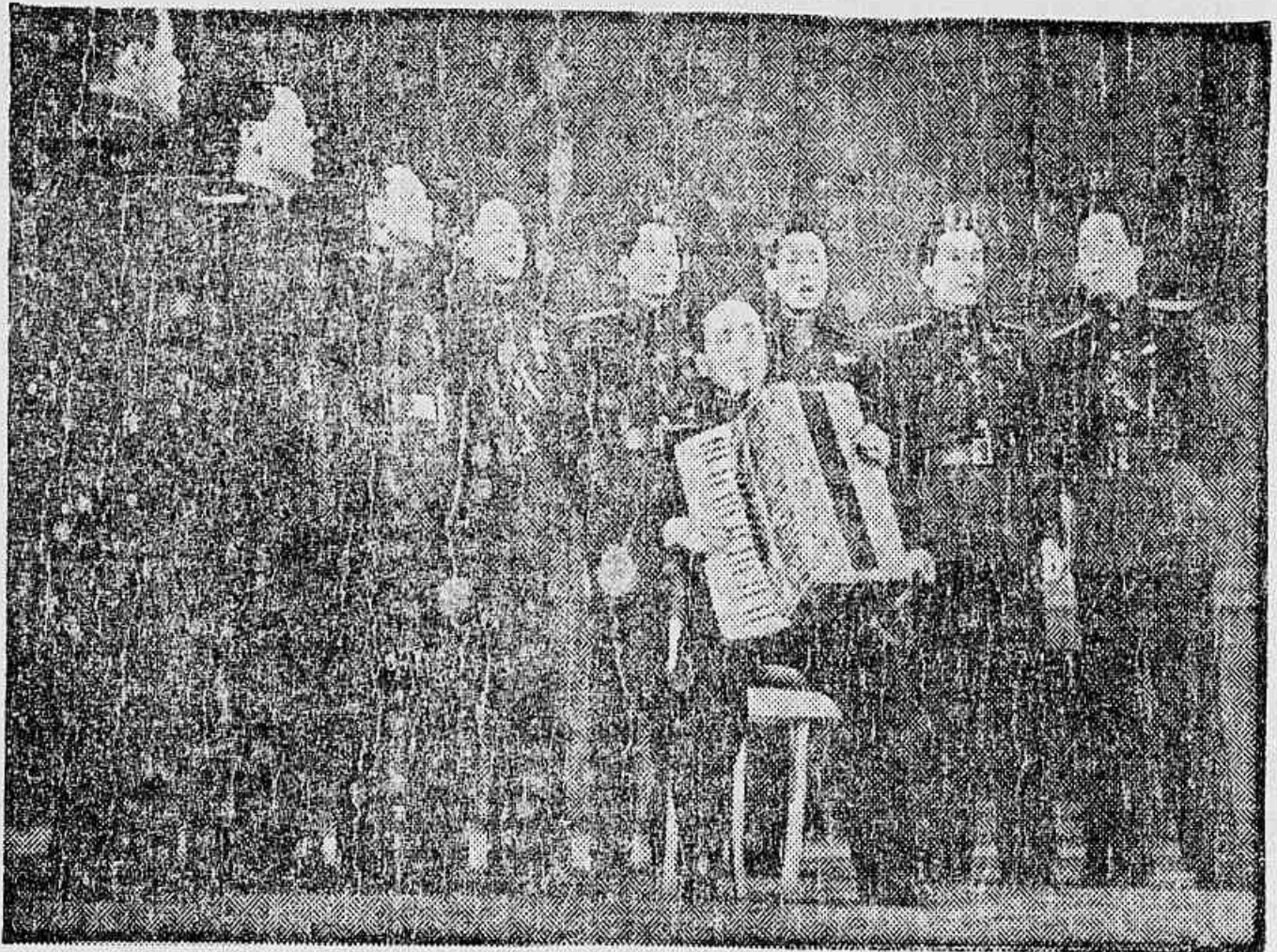
- II -



- III -



- IV -



- V -



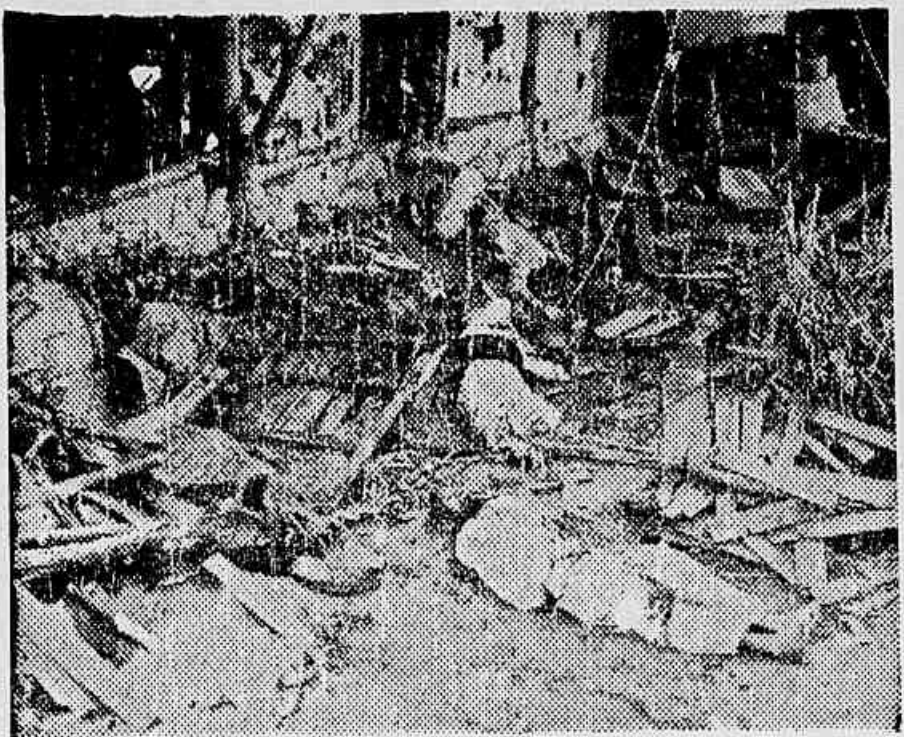
- VI -

OS CRIMES MONSTRUOSOS DOS IANQUES NA CORÉIA

Dentre os delegados brasileiros que participaram do V Congresso da Associação Internacional dos Juristas Democratas, em Berlim, fui escolhido para, juntamente com os delegados da França, da Inglaterra, da Bélgica, da Itália, da Áustria, da Polónia e da China, fazer uma enquete na Coréia sobre os crimes de guerra praticados pelas tropas dos Estados Unidos.

Nossa viagem foi bem difícil dada a situação da Coréia em guerra. Partimos de pontos diferentes da Europa e nos encontramos em Praga. De Praga então, já reunidos os membros da comissão, via Moscou, e depois pelo Transiberiano durante 12 dias de viagem, alcançamos Mukden, principal cidade da Manchúria, na China.

Durante essa longa viagem, os membros da Comissão trabalharam ativamente, reunindo-se pela manhã, durante o dia e à noite, não somente examinando a questão do ponto de vista do Direito Internacional, tratados e convenções, como também estabelecendo os métodos de trabalho que deveriam ser adotados uniformemente na investigação dos fatos.



Civis norte-coreanos assassinados pelas tropas de agressão norte-americanas.

Não Seremos Coniventes!

AYLTON QUINTILIANO

Malik denunciou na ONU, e o mundo inteiro tomou conhecimento, que o Brasil e os Estados Unidos são os únicos países membros do Conselho de Segurança que ainda não assinaram o Protocolo de Genebra.

Nas palavras do delegado soviético havia uma mensagem para o nosso povo. Uma homenagem dirigida a todos os patriotas.

Em 1921, celebrou-se em Genebra o acordo firmado por 48 países, colocando fora da lei a guerra bacteriológica. Ninguém hoje em dia ignora a extensão dessa guerra monstruosa, que o próprio Hitler, atemorizado ante o julgamento dos povos, não cometeu. Hoje, os povos têm conhecimento da extensão desse crime, porque os americanos o praticam. Injetam micróbios do tifo, do cólera, da peste, em milhões e milhões de insetos, e jogam sobre cidades coreanas, assassinando populações inteiras. Uma comissão internacional de juristas, que esteve na China e na Coréia examinando detidamente as acusações formuladas pelos bravos povos coreano e chinês, constatou a veracidade das denúncias. Trouxe fotografias dos insetos inoculados dos germes das mais horripilantes moléstias epidêmicas.

O crime que os monstros cometem já foi condenado pelo nosso povo. Mais de quatro milhões de brasileiros firmaram o Apelo contra a bomba atômica e todas as armas de destruição em massa. Acontece, entretanto, que o governo brasileiro é o único dos que se fazem representar no Conselho de Segurança, além dos criminosos ianques, que não firmou o Protocolo de Genebra condenando a arma monstruosa. Esse fato pesa sobre nós como uma montanha de ferro. O nemido das vítimas das doenças da peste e do tifo, do cólera, do ganho, nos deve sacudir e despertar para a luta a fim de que não permitamos que a assinatura do Protocolo de Genebra, que nos dá a vitória, seja anulada como conteúdo do crime monstruoso dos banditos ianques.

É preciso despertar a consciência das grandes massas para a importância da assinatura do Protocolo pelo governo brasileiro. São as grandes massas, manifestando sua vontade através de cartas, memoriais, telegramas, comícios, atos públicos, poderão forçar o governo Vargas, tanto de dentro quanto de fora, a firmar o histórico documento.

Quando novamente um diplomata se levantar no Conselho de Segurança da ONU para denunciar o crime bacteriológico que o nome de nossa pátria, do nosso povo, da nossa gente não esteja ligado ao nome dos assassinos. Que essa luta, parte também, da grande luta de solidariedade ao heroico povo coreano, se intensifique a partir desse 25 de junho, segundo aniversário da resistência de um povo que sabe por que luta e, mesmo prisioneiro como na Ilha de Koje, não se entregou e se bate pela sua libertação.

Em Mukden, reunimo-nos com o representante da China. Levamos a seu conhecimento os princípios, normas e métodos que havíamos adotado e depois de algum acordo recebemos a sua concordância. Assim, no dia 2 de março, já todos preparados com as vestimentas adequadas para o trabalho no campo de guerra, e a pequena sacola a tiracolo, contendo utensílios de uso particular, partimos para Andun, cidade chinesa na fronteira com a Coréia.

Alí, num pequeno passeio matinal, até as margens do rio Yalu, que divide a China da Coréia, vimos as primeiras destruições dos bombardeiros aéreos: cascas e pontes. Nesse mesmo dia, às 18.30 horas, em cinco jeeps, cada um com dois delegados e um intérprete, rumamos para a Coréia. Atravessando a ponte semi-destruída, chegamos a Siniujin, primeira cidade coreana na fronteira com a China.

Tivemos uma impressão mais forte da guerra. Praticamente, 80 por cento das construções da cidade estavam destruídas. Fomos para o centro de saúde. Os médicos examinaram as condições físicas de cada um de nós e os atestados de vacina que trazíamos. Depois de conferenciarmos, verificaram que faltava a vacina contra o cólera. Assim, recebemos mais uma vacina, além das muitas outras já recebidas anteriormente. As 20.30 horas, reúnhamos a viagem com os cinco jeeps e um caminhão com gêneros, auxiliares para o trabalho no campo, serviço médico, etc.

Recebemos o primeiro batismo de fogo quando havíamos percorrido 70 quilômetros de estrada de rodagem, paralela às linhas férreas. Sinal de alarme, e logo em seguida um trem bombardeado, sendo dois vagões incendiados. Nosso chofer rompeu o trem, e mal havíamos passado o trem, novas bombas. Viagem muito difícil. Muitas pontes destruídas, até a cidade de Pakchon, onde chegamos às 5 horas da manhã. Percorremos mais ou menos 110 quilômetros em cerca de 3 horas. Abrigamo-nos em

uma choupana durante todo o dia esperando o anoitecer para prosseguimento da viagem sob a luz da lua, pois que não é possível viajar durante o dia ou à noite com os faróis acesos, pelo perigo de bombardeio aéreo.

Partimos às 18 horas do

fazíamos as reuniões dos membros da delegação, bem como ouvíamos testemunhas em uma outra choupana.

No dia seguinte, 6 de março, às 6 horas da manhã partimos para Piong-Yang: primeira visita que fizemos à cidade. Era uma cidade de



Outra cena dos monstruosos crimes praticados pelos interventionistas ianques da Coréia. Patriotas norte-coreanos foram fuzilados com as mãos amarradas nas costas, após torturas bestiais.

400 mil habitantes, com suas construções modernas, grandes avenidas, bondes e ônibus, teatros, escolas, templos orientais e a grande universidade. Hoje está, completamente destruída: igrejas, hospitais, museus e escolas, tudo destruído. Fomos recebidos no sub-solo, ruínas de um moderno cinema, onde nos serviram a primeira refeição do dia. Entre os membros da Comissão havia qualquer desconfiância: é que viajávamos em jeeps americanos. Os fuzis dos ordenados e dos soldados que davam guarda, os talheres dos refeitórios das nossas choupanas, e agora, por último, também os talheres desse abrigo onde iam tomar a primeira refeição, tudo era

de fabricação americana. Lá estava a marca USA. Afinal, rompi o silêncio, depois de, em voz baixa, ter comentado a fato com os delegados dos demais países, e perguntar aos nossos amigos coreanos se eles haviam comprado essas coisas aos americanos.

A resposta foi imediata: «Não. E' que eles, quando fogem, deixam tudo».

Depois da visita feita à cidade, ou melhor, às ruínas de Piong-Yang, e após a tomada de depoimentos de várias testemunhas, sobre os fatos da destruição da cidade, fomos para o Museu Nacional, às 21 horas fomos assistir uma ópera coreana do século XVII.

Nossa surpresa foi imensa. Não podíamos imaginar que os coreanos pudessem ter seus teatros funcionado. Enfim, partimos para o teatro. Tudo escuro, somente a luz da lua. Chegamos a um local distante de Piong-Yang, cerca de algumas centenas de metros. Já havia vários automóveis encostados. Descomos rápidos, entramos numa boca de túnel.

Dez metros perdidos, iniciamos a descida, e uma escada de 100 metros de profundidade, de cerca de largura por uns 2 metros de altura. Era um verdadeiro túnel em gineco um grande saguão. As mesas estavam cheias de frutas, bombons, vinhos e chá. Em seguida, passamos para outro saguão, onde havia quadros de pintores coreanos. As 21 horas, entramos no Teatro, onde cerca de 200 operários de choque aguardavam o início do espetáculo.

Os coreanos mostraram nossa curiosidade construído este teatro com cerca de mil operários em oito meses. E' uma obra que marca a vitória dos coreanos. Isto é, de um povo que defende o que é sua consciência revolucionária, com a calma, a iniciativa e a coragem de vencer.

As habitações coreanas são sob a terra, os abrigos que agasalham as famílias. Seus hospitais, suas escolas, suas oficinas, tudo subterrâneo. Somente o comércio é feito na margem da estrada, expõe, aos bombardeios, o que se move-me participo. Co-que assisti em frente a ancas de 7 a 14 mil: cri- horas da manhã, os 8 bônus escolares suas do-se para a escola subterrânea.

São abrigos todos feitos como os nossos, para protegerem-se dos bombardeios americanos. Wonsam, como cidades e vilas que estão completamente destruídas. As tropas destruídas não respeitaram as igrejas, nem as escolas, igrejas marcaram os cru- deus vermelhos. com a de- deo é feito pelo bombardeio. Os vasos de vidro, grandes portas e os aco. E' o pólen em suas atingido e se mar e sido

fortemente repellido pela tática coreana: após desembarcarem grande contingente e marchado em direção à Piong-Yang, nas montanhas foram cercados pelos coreanos e derrotados, com grande número de mortos, prisioneiros e os restantes jogados ao mar. E' que a defesa das tropas coreanas é extraordinária. A superioridade material, os milhões de Wall Street não conseguem vencer a inteligência, o engenho, a coragem do soldado do povo coreano, que lutam em defesa de seu solo, de seus bens, de suas mulheres e de seus filhos para não se tornarem escravos; que lutam pela libertação nacional.



Soldados americanos deixando o núcleo 56 do campo de prisioneiros de Keje, munidos de máscaras contra gases, a fim de se prevenir contra os efeitos de suas próprias armas contra-venidamente empregadas contra os prisioneiros coreanos. Este clichê, publicado pela revista «Times», é uma espécie de confissão do crime que cometem e que tem estarecido a humanidade.

Para se ter uma idéia do que seja a luta na Coréia sob um pequeno aspecto, em apenas um setor, vou transcrever duas páginas do meu diário: Em 10 3 1952: Pela madrugada raids sucessivos dos aviões, deixando os seus presentes... A música das bombas projetadas pelos aviões se junta o coro dos canhões dos navios de guerra ingleses... Dormimos em pequena casinha construída à moda japonesa. As 11.30 começamos a tomar as declarações de testemunhas. As 17 fizemos a visita à cidade — inteiramente destruída: hospitais, escolas, teatros igrejas. As 18 horas o canhão aumenta e então tivemos de voltar rápidos aos nossos abrigos. Deitamos-nos para descanso à espera de outras testemunhas, e dormimos até o dia seguinte. As testemunhas não puderam vir devido ao bombardeio muito intenso durante toda

Por LETELBA RODRIGUES DE BRITO

Membro da Comissão Internacional de Juristas que testemunhou a guerra bacteriológica praticada pelos ianques contra o povo coreano

noite até às 6 horas da manhã do dia seguinte.

Em 11-3-1952: As 7 horas levantei-me e fiz um pequeno passeio. Muito frio, por isso voltei ao leito, até às 8.30. Levantamo-nos todos e nos preparamos para o pequeno almoço. São 8.45 e os aviões já começaram seus raids. A cada canhão nossa tenda treme de baixo a cima. Tem-se a impressão que vai cair. As 9.30 começamos o trabalho de ouvir testemunhas sobre o emprego de gás asfixiante pelas

uso de gás tóxico pelas tropas americanas. Assim, o absoluto desrespeito às regras do direito internacional, aos tratados e convenções. Terminamos o trabalho às 20 horas. Pequena ceia, e sob a música dos bombardeios e canhões, que faziam em nossa pequena casinha uma casinha de papelão, dormimos.

Em 12-3-1952 — 7 horas, o sol nasce. Calma desde às 6 horas, que durou até 8.30 quando oito aviões bombardeiros recomparam sua

Solidariedade Proletária Aos Combatentes da Liberdade e Da Independência na Coréia

MARIA DA GRAÇA

Dentro de alguns dias a guerra desencadeada na Coréia pelos imperialistas ianques entrará em seu segundo ano. Não tm sido, como anunciava Truman do alto da sua pilha de bombas atômicas, um simples desfile militar, após o qual os seus tanques de mercenários regressariam para as festas de Natal. O povo coreano tem mostrado aos colonizadores estrangeiros que já pertence ao passado o tempo que era fácil invadir terras alheias e colocar ao pescoço de um povo a canga da escravidão.

Combatentes coreanos, com a ajuda fraternal dos voluntários chineses, lutam há dois anos com heroísmo e abnegação, enchem de admiração e orgulho os homens e mulheres honrados no mundo inteiro. Com suas cidades destruídas, populações inteiras transformadas em montes de cadáveres, mulheres, velhos e crianças massacrados selvagemmente pelos espiões de Truman, sob o frangelo da infâmia e covarde guerra microbiana, esse povo heróico mostra ao mundo que a paz e a liberdade não são presentes de céu, e custam muitas vezes, o preço do sangue e do maior sofrimento. Povos como o nosso, que sentem em sua própria carne a miséria e a humilhação de serem ainda nações dependentes e oprimidas pelo imperialismo, tiram desse grandioso exemplo de heroísmo forças sempre renovadas para a sua luta de libertação. Por isso a luta que se trava na distante península asiática entre as forças do imperialismo e da guerra e as forças da paz e da democracia reverte-se em profundamento no coração e na consciência do nosso povo.

Desde o primeiro dia dessa guerra monstruosa, que a bandeira da ONU acoberta como trapo arrastado na lamagal de crime, o povo brasileiro, especialmente os trabalhadores, definiram a sua posição de

consciência, ao lado dos que lutam pela libertação nacional contra as forças armadas do imperialismo. Em cada lar de patriota, seja ele operário ou intelectual, todos os corações têm pulsado ao ritmo da mais calorosa solidariedade aos norte-coreanos e seus aliados, os voluntários chineses. Essa solidariedade tem se manifestado em todos os seus aspectos, desde as comissões de trabalhadores que vêm à nossa redação afirmar publicamente, e às frases toscanamente inscritas nos muros das fábricas, exigindo, como satisfação a todos quantos amam a paz e odeiam a guerra, o armistício imediato na Coréia.

Essa solidariedade tão fartamente manifestada pelo proletariado brasileiro nasce da sua convicção profunda de que, as suas mais sagradas ansias, as suas mais caras aspirações, pelas quais lutam aqui, enfrentando não raro o terror policial e as mais assassinas das violências de um governo vendido, estão sendo jogadas também nos campos de batalha da Coréia. Não fosse a resistência oposta ao invasor ianque, o seu governo infame já teria se espatifado pela Asa como o vagalhão de um trem, aberto novos focos de agressão em outras regiões do globo e, quem sabe, milhares de filhos da classe ope-

ria brasileira já estariam sendo pasto à sede de sangue e de ouro dos canibais de Wall Street.

A Confederação dos Trabalhadores do Brasil lançou a campanha da compra de uma ambulância para os combatentes norte-coreanos e voluntários chineses, com o intuito de contribuir com o seu esforço, como símbolo da fraternidade proletária, que une por cima das fronteiras todos os explorados do mundo. Essa campanha nasce sob o signo da vitória, pois nasce numa hora em que os trabalhadores brasileiros sentem em toda a sua plenitude a exploração patronal, apoiada e estimulada pelo imperialismo e estimulada pelo imperialismo de lanque, verdadeiro ditador da política em nosso país. Centenas de milhares de listas já circulam pelo Brasil afora, levando de fábrica em fábrica, de fazenda em fazenda, por toda parte onde exista um assalariado, e convida da CTB a que a solidariedade que nos aquece e corajosa neste instante sob o signo da luta, seja uma arma de guerra, tome a forma concreta de uma ambulância para os que dão a sua vida defendendo a sua terra natal, o seu direito à liberdade e a escolha do seu próprio regime de governo, dos que contribuem com o seu sangue e a sua vida para a defesa da causa da paz. Cada assinatura de operário, seguida da sua pequena contribuição, será um prego cravado no calcanhar do imperialismo, um estímulos fraternal aos combatentes norte-coreanos e aos voluntários chineses. A campanha da CTB, quem faltará com o seu apoio?

A Coréia na Conferência de Viena



Na Conferência Internacional de Defesa da Infância, recentemente realizada em Viena, o povo coreano se fez representar por numerosa delegação. Impressionantes denúncias, sobre as atrocidades praticadas pelos interventionistas americanos contra as mulheres e as crianças coreanas foram feitas nesse conclave pela delegação coreana. Tais denúncias contribuíram consideravelmente para que a Conferência se pronunciasse, em suas resoluções, pela condenação à guerra, como o mais terrível inimigo da infância. O clichê focaliza uma das delegadas coreanas, quando lia seu relatório.

rá terminar hoje, partiremos pela noite. As provas aqui recolhidas são fartamente suficientes sobre a aplicação de gás tóxico pelos americanos. 15.15 até 15.45 — suspendemos o depoimento de uma vítima do gás tóxico devido ao ataque próximo de três aviões com bombas incendiárias. Assistimos ao combate entre os aviões e as baterias anti-aéreas a cerca de

100 metros de nossa casinha. A cada volta dos aviões nós recolhíamos ao abrigo. Logo que os aviões se foram um grupo de artistas coreanos (que percorrem o front e várias localidades) deu um pequeno espetáculo de canto acompanhado de acordeão, para os delegados juristas. Oito figuras — quatro rapazes e quatro moças, todos muito jovens. Belas vozes,

como jamais eu poderia esperar ouvir em Wonsam, na Coréia. Uma soprano dramática, de belíssima voz, um bom tenor, e uma soprano cuja voz modulada ia de soprano ligeiro a soprano dramática. A acrobata, quase menina, em impecável acompanhamento com um acordeon Hohner de 48 baixos. E' profundamente eno-

(Conclui na p. 949.)

OS CRIMES MONSTRUOSOS

(Conclusão da pág. Central)

Monante o forte espírito dos coreanos que, diante da destruição completa de suas cidades, escolas, igrejas, hospitais, estão serenos e com segurança na vitória. A última canção que nos cantaram foi a canção de "Ainda queremos a Paz". Em 14-3-1952 viajamos até 4 horas da madrugada. Por isso, somente às 11.30, após um pequeno almoço, pudemos receber um representante da imprensa coreana, que queria entrevistar-nos sobre o trabalho. Entretanto, a comissão deliberara não prestar qualquer informação, a quem quer que fosse, antes de terminar definitivamente o trabalho. Dei termos transformado nosso inquiridor em informador. Passou o jornalista a dar-nos entrevistas. Primeiramente indagamos sobre a imprensa coreana: «Coréia Democrática» é um jornal diário, oficial; «Jornal Trabalhista» é do Partido Comunista; «Criação» é o órgão do partido de Chung-Dong, ligado à religião «Thon-Don»; outro jornal chamado «Ichô-Son-Mimbo» é do povo coreano — órgão do Partido Democrático; um outro independente que não. Antes da guerra, o órgão do governo tinha uma tiragem de 300 000 diários. Hoje sua tiragem é de 300 000.

OS CRIMES DE GUERRA PRATICADOS PELOS AMERICANOS:

Na Coréia, nós, os membros da Comissão, investigamos e concluímos que os atos mencionados em nosso relatório constituem crimes de guerra, e os classificamos em 3 capítulos de natureza diferente.

Um dos capítulos se refere à destruição de valores culturais, destruição e confiscos de grãos alimentícios, e crimes cometidos contra prisioneiros de guerra.

Outro capítulo dedicado aos ataques aéreos contra população civil: Para dar uma idéia de que encerra este capítulo direi, a título de exemplo, a destruição de Piong-Yang. Antes da guerra contava 454 mil habitantes. Em 31-12-1951 sua população era de 181 mil. Em 31-12-51 34 mil casas sobre as 80 mil da cidade foram inteiramente destruídas; 32 hospitais e políclínicas; 64 igrejas, 99 escolas, a grande Universidade, um museu — o maior da Coréia; e 29 teatros. E a cidade aberta. Jamais teve um arsenal ou usina utilizada para fins militares. A partir de 27-6-1950 foi bombardeada noite e dia, com lançamento de 30 mil bombas explosivas e incendiárias.

Inúmeras foram as vítimas desses bombardeios, e todas da população civil.

Vimos com os nossos próprios olhos, durante nossas viagens no território coreano, as cidades e as vilas destruídas: hospitais, igrejas, escolas, usinas, fábricas e vias de comunicação. Vimos com os nossos próprios olhos as imensas devastações causadas pelos bombardeios massivos, sem qualquer objetivo militar, sobre a população civil: mulheres, velhos e crianças. Vimos, igualmente, como vivem hoje as populações coreanas, como vive seu povo; apesar das destruições de seus lares, suas vilas e cidades. Vimos o quanto pode um povo que luta em defesa de seu território, numa guerra de jornal combatente chamado «Tu-Sin-Mun»; «Thon-Ku-Tion-Sion» é o órgão da frente democrática pela unidade da Pátria (hebdomada-rio). Há ainda os jornais

dos sindicatos, da juventude, da educação, da imprensa, e dos ferroviários, todos diários. Há também um jornal das forças armadas — diário de libertação nacional. Nas barracas e choupanas feitas das ruínas e entre as ruínas de seus lares; nas cavernas e abrigos feitos no subsolo ou nas encostas das montanhas, — os coreanos continuam suas atividades cotidianas, laboram os campos, trabalham nas empresas situadas subterraneamente, enviam seus filhos às escolas instaladas no subsolo, sob a terra ou nas cavernas, e nos momentos de folga vão aos cinemas e teatros subterrâneos.

Um outro capítulo é dedicado ao extermínio em massa, assassinatos e outros crimes contra o povo coreano: incluindo-se mulheres e crianças. Mencionei aqui somente alguns dos crimes apurados pela missão: em Sinchon, em menos de dois meses de ocupação, foram massacrados pelos ocupantes 35.383 pessoas, das quais — 19.149 homens e 16.234 mulheres. Na mesma localidade foram exterminadas 900 pessoas, entre as quais 300 crianças e algumas mulheres grávidas. Esse crime foi perpetrado sob as ordens do comandante de ocupação da cidade — Harrison. Todas as vítimas foram empurradas em uma grande fossa. Foram despidas e em seguida jogaram-se-lhes gazolina e meteram fogo. As que tentaram fugir da fossa foram fuziladas a metralhadora. Em Sariwon — 950 pessoas mais ou menos foram assassinadas; em Anak, durante a ocupação, foram assassinadas 19.072 pessoas; em Haiju 6 mil pessoas — homens, mulheres e crianças — foram massacrados.

Muitos e muitos outros crimes a comissão apurou. Tivemos o cuidado de relatar os fatos baseados sobre testemunhas diretas e que são irrefutáveis e não deixam subsistir a menor dúvida. Eram vítimas civis, assassinadas e massacradas sem qualquer julgamento, e sem sequer acusação das autoridades de ocupação. Poderia citar detalhes abomináveis sobre as torturas: os desgraçados eram espancados; martirizados pela corrente elétrica; vertiam-se-lhes água pelo nariz e pela boca; golpeados nas diversas partes do corpo; mutilavam-se-lhes as partes do corpo; fuzilados ou mortos a golpes de baionetas; estrangulados ou queimados e enterrados vivos em inúmeros casos.

Mas tudo isto não foi o bastante para vencer os coreanos. Sua coragem, sua decisão de vencer não deixaram que seu ânimo fosse abatido.

Então surgiram no teatro da guerra outras armas: as armas químicas e bacteriológicas.

A cidade de Nampho teve 13 quarteirões atacados pelo uso do gás asfixiante pelas forças americanas. A Comissão estudou o resultado da autópsia das vítimas. A vila de Pounpori, ao sul de Wonsam, foi vítima de dois aviões, que fizeram uso do gás asfixiante. Hakson, ao norte de Wonsam, sofreu os horrores do gás asfixiante, que causou 83 vítimas intoxicadas.

Mas, para o agressor, o emprego do gás asfixiante não é suficiente.

Surge a terrível arma bacteriológica, sobre a qual procedemos às investigações na Coréia e na China. Perceberemos diferentes regiões

da Coréia e da China para estudar os fatos, de que eram acusados os aviadores americanos; «in-locum» interrogamos que tinham descoberto os insetos em circunstâncias estranhas; vimos e apreendemos três tipos de bombas lançadas pelos americanos e portadoras de insetos; questionamos técnicos da maior nomeada, entre eles cientistas reconhecidos mundialmente, aos quais o grande sábio Joliot-Curie faz referência em sua carta ao senhor Warren Austin, de 3-5-1952, muitos dos quais cursaram seus estudos superiores na Sorbonne, na Universidade Imperial de Nagoya — Japão; na Universidade de Cambridge (Inglaterra); na Universidade de Illinois dos Estados Unidos da América do Norte; no Instituto de Psiquiatria de Munich; na Universidade de Peking; na Universidade de Milão; e na Universidade de Chancal. Entomologistas, biólogos, laboratoristas, bacteriológicos, natologistas, neurologistas e médicos.

Ouvimos o comandante das forças aéreas dos setores atingidos, que nos comunicou as datas e os lugares em que os aviões americanos haviam voado. Piorosamente estabelecemos o novo dos fatos, as provas obtidas, as testemunhas visuais, diretas, e nós próprios, os membros da Comissão, vimos os insetos projetados «in-locum», acompanhados os trabalhos dos técnicos relativos às culturas das bactérias de que eram portadores os insetos encontrados sobre a neve e as penas. Foram feitos testes sobre cobaias. A maioria das vítimas da encefalite meningite.

Em 139 regiões diferentes da Coréia foram apreendidos insetos que, dada a temperatura — 10 a 15°C abaixo de zero, não poderiam ser encontrados: moscas, pulgas, aranhas, coleopteros, percevejos, grilos, mosquitos, etc. Muitos dentre eles não familiares ao povo coreano. Encontrados longe das habitações, sobre a neve, sobre o gelo dos rios, entre as pedras das montanhas, etc. Considerando que nesta estação a temperatura é geralmente muito baixa, o que normalmente constitui obstáculo ao aparecimento desses insetos, considerando que em muitos casos foram encontrados insetos em grande quantidade, insetos de natureza diferente em um só lugar e mesmo agrupamentos de insetos de espécies diferentes que não coexistem normalmente, como por exemplo moscas e aranhas, pôde-se concluir que a presença desses insetos era suspeita. Os resultados dos exames efetuados demonstraram que estavam infetados. Bactérias do cólera, da peste bubônica, do tifo, do paratifo a e b, disenteria e do carbúnculo.

Pudemos investigar sobre os casos seguintes: (todos a começar de trinta de janeiro de 1952). A sudoeste de Inchon foram descobertos, sobre a neve e entre as pedras, moscas, percevejos e aranhas. As moscas eram portadoras de microbios do cólera. Próximo dos insetos foram achadas as duas partes da bomba, de metal, que tem um dispositivo especial para sua abertura logo que toca a terra. Em Baal Naam Ri foram descobertas moscas, aranhas e pulgas (20°C abaixo). Aviões haviam voado a região. Os técnicos constataram que os insetos eram portadores dos bacilos da peste. Pouco depois a peste

se declarou na cidade, com a constatação de 36 vítimas mortais, até 11 de março. Próximo da vila de Song Ri, sobre o gelo do rio Puk Kang, que abastece de água a grande cidade de Pyang Yang, foram encontrados agrupamentos de insetos estranhos. Pouco antes, cinco aviões americanos haviam, durante meia hora, voado a região. Os exames técnicos constataram que eram os insetos portadores de agentes de moléstias intestinais.

Muitos outros casos apuramos e constam dos nossos relatórios, com a documentação nos anexos.

Podemos concluir da nossa viagem à Coréia e à China quanto ao uso da arma bacteriológica, que a disseminação de insetos infetados de bactérias para semear a morte e espalhar moléstias no exército coreano, nas forças populares da China e entre as populações civis da China

e da Coréia, constitui crime de extrema gravidade pela violação das cláusulas da Convenção de Haya de 1907 sobre as leis e costumes da guerra em terra, assim como a lei universalmente reconhecida, confirmada pelo protocolo de Genebra de 1925, proibindo a guerra bacteriológica. Além disso os Estatutos do Tribunal Militar Internacional de Nuremberg qualificam o assassinato das populações civis, bem como sua exterminação — crimes contra a humanidade. Indenizadamente do estado de paz ou de guerra. A Convenção de 9 de dezembro de 1948, sobre o genocídio, é igualmente aplicável em tempo de paz e de guerra aos assassinatos e graves atentados à integridade física dos membros de grupos nacionais, étnicos e raciais, cometidos ou tentados cometer, com o fim de exterminação total ou parcial desse grupo.

Nós, os membros da Co-

missão, classificamos os fatos apurados como crimes de guerra, atos de agressão, crime de genocídio, crime monstruoso contra a humanidade. É uma grave ameaça para todo o mundo, para todos os povos, com imprevisíveis consequências e limites.

Nossa acusação se baseia sobre fatos que, concordes de nossa responsabilidade, estão baseados com todo rigor de um processo jurídico.

Democratas, denunciemos um ato e uma guerra de agressão com a prática dos crimes acima mencionados, eximindo nossa indignação pela monstruosa utilização de tais métodos e da utilização da ciência para fins criminosos, encerrando com o pedido a todos os homens de boa vontade que assinem um telegrama dirigido a ONU de protesto, e exigindo a ratificação do Protocolo de Genebra de 1925, pelos Estados Unidos.

DUAS POLÍTICAS NA COREIA

(Conclusão da página 2) para a criação de uma base social de apoio dentro do país, sustentados pela qual poderiam colocar novamente no povo os grilhões da escravidão.

No seio de que camada da população foi criado esse aparelho de apoio? Acima de tudo, entre os representantes da classe mais reacionária da Coréia — os latifundiários e proprietários semi-feudais, que haviam sido apoiados no passado pela administração colonial japonesa e haviam auxiliado os japoneses, durante muitos anos, a escravizar o país, tanto eles mesmos, sob a proteção dos opressores estrangeiros, pilhado e oprimido as massas populares.

Encontram apoio também, entre os representantes da grande burguesia, que havia colaborado com os japoneses e conseguido boas posições entre eles. Essa quadrilha de cúmplices dos japoneses, como «o rei dos têxteis» e os grandes latifundiários da Coréia — Kim Sin Su e Kim Ion Su, ou o proprietário da companhia de navegação aérea, Pak Hin Sik, e outros iguais, era naturalmente a mais segura e previamente «experimentada», base de apoio para os saqueadores estrangeiros. A esses, juntavam-se ainda, os representantes da oficialidade reacionária, que havia prestado serviços nos órgãos do governo japonês, elementos os mais mercenários e depravados, que desejavam servir no novo aparelho de opressão colonial ao preço da traição nacional.

Contudo, os americanos não poderiam se confinar nesse tipo de apoio.

A sua autoridade no seio do povo estava profundamente minada e o ódio e a repulsa que as massas populares demonstravam aos americanos eram por demais fortes. Os claros abertos nas fileiras dos traidores desmascarados precisavam ser preenchidos por quislings e outros traidores capazes de representar o papel de «combatentes pela independência». Com esse objetivo foram procurados por todos os cantos do mundo coreanos reacionários, aptos ao papel que lhes era reservado. O denominado Go-vêno Provisório, que por um quarto de século vivera às expensas dos imperialistas estrangeiros, foi despachado para a China. A hora era chegada, mesmo para esses coreanos reacionários, amigos dos Estados Unidos, e que de há muito haviam traído os interesses de seu povo, de passarem a agentes dos americanos. Em outubro de 1946, Singman Li, (Singman Ri, como passou

a ser conhecido), foi trazido às pressas, em avião militar, para a Coréia do Sul.

É interessante assinalar que o General Hodre apresentava Singman Ri como um grande patriota, o líder estatal da Coréia, «o pai do povo coreano», e ele, por sua vez, apresentava Hodre como o libertador, o amigo do povo coreano.

O teatro político no campo da reação passou a ser o Partido Democrático, Hang Uk Minchiun, criado quando da entrada das tropas americanas. Esse partido reuniu os ativos cúmplices japoneses, os grandes capitalistas e latifundiários e todos os tipos de traidores, nos quais falava mais alto o temor ao povo e o desejo de verem mantidos no país o regime colonial, Hang Uk Minchiun tornou-se um ninho de traidores e a mais violenta força da reação coreana.

Em torno do Partido Democrático agruparam-se outros partidos e organizações de direita, que representavam também, blocos diferentes de latifundiários, grandes capitalistas e oficiais corrompidos. Tornou-se o centro de ação dos bandos terroristas e organizações fascistas. Apoiando-se nessas forças reacionárias, os americanos implantaram a política do terror em toda a Coréia do Sul. E, embora a

Coréia do Sul não fosse território inimigo, mas território libertado, estabeleceram na zona sob seu controle regulamentos militares de ocupação.

Organizando e apoiando a reação coreana, as autoridades de ocupação ouzerm-se de todas as formas à criação e a atividade de qualquer organização verdadeiramente democrática. Eram, no entanto, iminentes para conter o fluxo impenhoso do movimento democrático.

Por volta do fim do ano de 1945, sob a liderança do Partido Comunista, foram criadas organizações políticas de massa na Coréia do Sul: a Confederação dos Trabalhadores, União das Mulheres, União da Juventude Comunista e União dos Camponeses. Ao mesmo tempo foi organizado o Partido Popular, muito próximo, no seu programa e princípios, do Partido Comunista, com o qual cooperava.

O campo democrático na Coréia do Sul cresceu e se consolidou.

Na Coréia do Norte, a autoridade democrática criada pelo povo, reconhecida e apoiada pelo Comando Militar Soviético, pôde, nesse espaço de tempo, demolir o aparelho de opressão colonial japonês e preparar as condições necessárias às transformações democráticas fundamentais.

Um Exemplo . . .

(Conclusão da 8.ª pág.)

coreano que arca sob os seus ombros com quase todo o peso da luta contra a agressão armada japonesa. E tudo que fizeram será pouco para evitar a nossa gratidão a esse povo que é um exemplo a todos os povos oprimidos pelo imperialismo.

Mas não se trata somente de lutar contra o envio de tropas à Coréia. É preciso condenar por todos os modos as terríveis barbaridades cometidas pelos soldados do dólar contra populações so-reanas indefesas e ao mesmo tempo lutar para que cesse a monstruosa guerra bacteriológica, levantando os mais indignados protestos contra esses crimes de lesa humanidade que encham de horror os homens honestos de todo o mundo.

Além disso exigimos que uma paz justa seja concretizada na Coréia, que seja dada uma solução pacífica para o conflito coreano. Simultaneamente, redobremos os esforços em defesa da paz, pois dessa maneira ajudamos também os coreanos em sua luta. Essa honra-

gem ao povo da Coréia, empromos a cota de cinco milhões de assinaturas ao Apelo por um Pacto de Paz, impetamos que o Parlamento ratifique o Tratado Militar Brasil-Estados Unidos, exijamos a revogação da nova Lei do Serviço Militar, escorramos, de nossa Pátria o chanceler da guerra e da peste, Acheson.

Da mesma forma com que os coreanos estão vencendo os intervencionistas japoneses, podemos também ser vitoriosos contra os nossos opressores — os imperialistas norte-americanos e seus lacaios internos. Lutamos por uma causa justa, pela paz, pela independência, pela liberdade, pelo bem-estar das massas e contamos com a solidariedade de todos os povos. Como o povo da Coréia, o povo brasileiro é mais forte do que seus inimigos.

Inspiremo-nos no heróico exemplo do povo coreano, reforçando a nossa luta pela libertação nacional e por um regime de democracia popular tendo sempre presente as palavras do grande líder do povo brasileiro, Luiz Carlos Prestes: «A luta do povo coreano é a nossa luta».

A Heroica Juventude da Coréia

DUAS VEZES HEROI KIM KEE OU



KIM KEE OU

No dia 19 de abril de 1951, o Presidium da República Democrática da Coréia conferiu a Kim Kee Ou, metralhador de uma unidade

de artilharia anti-aérea o título de Duas Vezes Herói da República.

Kim Kee Ou nasceu em setembro de 1933, filho de uma pobre família de camponeses. Desde menino sentiu fome e frio. A vida dos camponeses não era nada fácil, mas os anos passaram. Com a derrota dos japoneses, terminou a escravidão. O povo da Coréia, libertado pelo heróico exército soviético, era livre e cheio de felicidade.

No entanto, as metralhadoras se ouviram novamente sobre o solo coreano. O trabalho pacífico e criador foi interrompido pelo inimigo que invadiu o país. Todo o povo coreano levantou-se para defender a pátria agredida.

Kim Kee Ou decidiu alistar-se como voluntário para participar da Grande Guerra Patriótica de Libertação. Nos primeiros dias de julho de 1950 ele deixou sua cidade natal. Em três meses de treinamento, Kim Kee Ou tornou-se um verdadeiro soldado. Ele podia lutar contra qualquer inimigo. Kim Kee Ou estava no 7.º Grupo de Artilharia Antiaérea, estacionado no cume de uma montanha.

No período de 22 de fevereiro a 20 de março de 1951 ele derrubou nove aviões inimigos, recebendo de Kim Ir Sen uma carta de congratulações. Dias depois, derrubou mais um avião norte-americano.

No dia 28 de março, o Presidium da Suprema Assembléia do Povo da Coréia conferiu-lhe o título de Herói da República e no dia 12 de abril, o título de «Duas Vezes Herói da República».

A "Máquina" de Truman



CORÉIA...

(Conclusão da 1ª Página)

Por duas vezes os agressores, contando com uma maioria esmagadora de forças, tomaram Piong-ang, a capital da República Popular da Coréia Chegaram até às fronteiras da China, com seus exércitos sob a bandeira da ONU, carregada como um trapo pelas mãos dos assassinos ianques. Mac Arthur pretendia executar o velho plano de dominação imperialista mundial: através da Coréia atacar e dominar a China; através da China, dominar a Ásia; através da Ásia e, em combinação com os demais planos agressivos, dominar o mundo. Assim é que o povo chinês, em defesa de sua pátria ameaçada e já várias vezes atacada pela aviação americana, e em solidariedade ao bravo povo coreano, iniciou em todo o país uma campanha de ajuda ativa aos coreanos. Imediatamente constituíram-se os gloriosos batalhões de Voluntários Chineses, que ao lado de seus irmãos coreanos retomaram a ofensiva e rechaçaram do território da Coréia do Norte os agressores ianques.

Assim os povos coreano e chinês, com sua decidida resistência aos provocadores de guerra, deram uma inestimável contribuição à paz mundial, arrancando a máscara dos imperialistas e mostrando-o diante de toda a humanidade como infames agressores de nações pacíficas.

O povo brasileiro pode orgulhar-se de não ter permitido até hoje que um só de seus filhos fosse morrer na Coréia em benefício dos assassinos americanos. O povo brasileiro pode, ao olhar hoje, dois anos após a agressão ianque, o mapa da Coréia e dizer que não manchou as mãos de seus filhos com o sangue de um povo que luta, como o nosso, contra a ameaça de dominação ianque. Mas não basta. É preciso que intensifiquemos nossa luta em solidariedade ao povo coreano, aumentando nossa campanha pela paz e pela cessação imediata do conflito, redobrando nosso esforço no combate aos provocadores de guerra.

IMPRENSA POPULAR, às vésperas do dia 25 de junho, segundo aniversário da invasão da República Democrática Popular da Coréia, presta emocionadamente esta modesta homenagem ao heroísmo e ao sacrifício do grande povo coreano e a seu glorioso dirigente Kim Ir Sen, dedicando-lhe o presente suplemento, em nome dos patriotas brasileiros que jamais negarão em armas contra o povo da Coréia, povo que nos dá a mais alta lição de fidelidade à causa da honra e da independência nacional.

Acertadores Da Semana

Os contemplados pelo Pacífico foram os leitores: José Luiz, de São Paulo, e

Carlos M. de Oliveira, do Distrito Federal.

IANG CHUN BONG, O BRAVO SAPADOR

Iang Chun Bong, o dirigente do primeiro destacamento da Companhia de Reconhecimento Kim Bong Ho, da 15.ª Divisão de Tanques, estava sempre na vanguarda quando era necessário localizar os inimigos na montanha ou na planície. Onde fôsse necessário



IANG CHUN BONG

um homem para uma difícil tarefa de reconhecimento, ele era sempre encarregado disso, com sucesso. Seu comando corajoso era um exemplo para seus camaradas. Entrando em combate sob uma chuva de granadas e de balas, ele renovava o vigor de seu espírito combatente, lembrando-se dos exemplos de Kim Ir Sen, seu líder querido. Esses exemplos eram sua fonte de coragem.

No dia 30 de julho de 1950, três grupos deviam atacar um acampamento onde estavam oficiais e soldados norte-americanos, protegidos por três linhas de defesa e por metralhadoras ligeiras. O grupo de Iang Chun Bong recebeu a tarefa de atacar os alojamentos dos oficiais e destruir a estação elétrica.

Embora a localização dos acampamentos americanos não tivesse sido tão difícil, penetrar neles foi uma tarefa dura. Eles viam o edifício a uma distância de 50 metros. Durante 4 horas tinham se arrastado no chão para vencer 200 metros, duros 200 metros. O 1.º grupo tinha já penetrado no acampamento. Iang Chun Bong fez um sinal a seus homens para que esperassem. Ele tinha decidido sozinho matar o chefe dos oficiais americanos e seu intérprete. Enquanto não o fizesse eles deveriam aguardar o seu sinal para atacar, porque ele sozinho penetrara nos alojamentos americanos. Intensa expectativa precedeu o momento em que de repente os fuzis começaram a funcionar. Iang Chun Bong deu o sinal a seus homens para atacar, e foi, assim, que 39 oficiais americanos encontraram a morte naquela manhã.

Iang Chung Bong que se desincumbiu tão corajosamente de suas tarefas, recebeu o título de Herói da República Democrática Popular da Coréia, o título mais honroso com que um cidadão da República pode sonhar.

UM EXEMPLO PARA O NOSSO POVO

HÁ DOIS anos o bravo povo coreano, de armas nas mãos, defende o sagrado solo de sua Pátria contra a intervenção criminosa dos bandidos imperialistas norte-americanos. Ombro a ombro com os voluntários chineses, os soldados da gloriosa República Popular da Coreia realizam feitos de heroísmo que causam admiração e os impõem ao reconhecimento dos povos de todo o mundo. Na coragem, na abnegação e no espírito de sacrifício

**Artigo de
Maurício Grabois**

dos coreanos, os incendiários de guerra encontram um dos mais poderosos obstáculos às suas tentativas homicidas de envolver a humanidade nas chamas de uma terceira guerra mundial. Os vinte e quatro meses de luta dos coreanos contra o invasor estrangeiro constituem a mais poderosa contribuição que um povo pode dar à causa da paz. Os denodados combatentes de Kim Ir Sên não estão defendendo somente a independência e a soberania da Coreia. Em seus estandartes estão inscritas as aspirações profundas de todos os povos em defesa da paz.

Na Coreia, os provocadores de guerra norte-americanos avaliam por experiência própria o que significa a resistência de um povo à hegemonia mundial. Todos os monstruosos crimes indiscriminadamente cidades e aldeias coreanas sem nenhum objetivo militar; a guerra na Coreia e na China, violando todos os princípios do direito internacional e enfrentando o fa bandeira da ONU para justificar a agressão abalar em nada a firme determinação dos do solo pátrio. Os intervencionistas ianques e tentam dominar um povo livre que conquistou a democracia popular e que, antes de ser agredido, marchava no sentido do socialismo. Em dezessete meses de atividade de rapina os mercenários que lutam sob a bandeira inglória da ONU sofreram 779.000 baixas, entre mortos, feridos e prisioneiros.

A pesar de seu barbarismo sem precedentes na história, os militaristas ianques e seus apaniguados estão sendo derrotados na Coreia. E é natural que isso aconteça. Os coreanos defendem uma causa justa, sua liberdade, seu direito à vida. Os intervencionistas anglo-americanos realizam uma guerra de rapina para escravizar outros povos. Há mais de um ano que o grande Stalin, com seu gênio, sua autoridade de chefe dos povos soviéticos e de líder das forças da paz em todo o mundo, afirmava que os intervencionistas ou renunciavam a seus objetivos de conquista, aceitando as propostas de paz, ou então seriam derrotados. E a sua genial previsão está sendo confirmada pelos fatos. Os coreanos, contando com a solidariedade dos povos do mundo inteiro, elevam a sua força moral e resistem com um ardor cada vez maior, sem temer quaisquer sacrifícios, aos imperialistas. Enquanto isso, as tropas agressoras mais e mais se desmoralizam. E' que essa guerra — como explicou Stalin — é impopular no mais alto grau entre os soldados norte-americanos e britânicos.

Mas os senhores do capital monopolista ianque, ávidos de lucros e embalados pelos seus loucos planos de domínio do mundo, procuram desesperadamente manter aceso o fogo de guerra na Coreia, ampliá-lo e estendê-lo a todo o mundo. Eis por que torpedeiam as negociações de Pan-Mun-Jon, querendo impor um armistício de acordo com condições norte-americanas e tentam por todos os meios conseguir soldados de outros países para a sua guerra imunda.

Com este objetivo os imperialistas ianques realizam grandes esforços para conseguir que soldados brasileiros sejam enviados à Coreia. Com a cumplicidade criminosa do governo de traição nacional de Vargas, tramam sem cessar os monopolistas ianques esse atentado contra o povo brasileiro.

Até agora o nosso povo tem frustrado todas as tentativas do imperialismo norte-americano de enviar soldados brasileiros para a Coreia. De maneira alguma o povo brasileiro deseja participar dessa guerra infame. Ao contrário, em todas as oportunidades revela o seu repúdio à agressão norte-americana na Coreia e a sua solidariedade ao povo coreano. O exemplo de Elise

Branco, proclamando que os soldados brasileiros não irão à Coreia, foi saudado com entusiasmo em todos os recantos do país. Essa hercúlea da paz foi arrancada dos cárceres dos incendiários de guerra por força das exigências das massas populares que condenam qualquer participação do Brasil no conflito coreano. Quando em maio do ano passado, o governo imperialista e de guerra de Truman exigiu do governo fantoche de Vargas o envio de tropas à Coreia, foi a pressão popular que impediu que Getúlio consumesse tão monstruoso crime.

Diante da resistência das massas contra o envio de tropas à Coreia, os imperialistas ianques e o seu governo títere no país manobram e procuram novas formas para enganar o povo e ar-

rastá-lo a uma guerra injusta. E tudo fazem nesse sentido. A assinatura do Tratado Militar Brasil-Estados Unidos é um modo pelo qual pretendem colocar forças militares brasileiras sob o comando do gangster Mark Clark, novo algoz do povo coreano. Esse é um dos objetivos por que foi aprovada a modificação da Lei de Serviço Militar, permitindo mobilizar todos os cidadãos de 17 a 45 anos de idade. A discussão, agora, no Parlamento da nova Lei de Segurança prende-se também a esse fato, pois os latifundiários e grandes capitalistas interessados na guerra pretendem com essa lei fascista abafar os protestos contra o envio de tropas à Coreia. A vinda ao Brasil no início do próximo mês do arquicriminoso de guerra Dean

Acheson, o chanceler da peste, liga-se de igual modo à tentativa de preparação do hediondo crime de enviar brasileiros para morrer em terras coreanas.

Persiste, pois, com maior intensidade que há dois anos, quando da traiçoeira invasão da Coreia pelos soldados do imperialismo ianque a ameaça de envolver o Brasil na guerra coreana. E' este o momento, portanto, de intensificarmos os nossos esforços contra o envio de tropas brasileiras para a Coreia. Só assim é que deteremos a mão dos criminosos que conspiram contra a vida de nossa juventude. Lembremos que graças à luta das massas populares, o governo de Vargas, não conseguiu até agora mandar jovens brasileiros para integrar as forças agressoras dos Estados Unidos. Erguer cada vez mais alto a bandeira da luta contra a ida de soldados do Brasil para a Coreia é uma manifestação de verdadeiro patriotismo e uma demonstração da imensa vontade de paz que domina o nosso povo. Impulsionar essa luta é também um dever de solidariedade para com o povo

(Conclui na 6.ª pág.)



MAO TSE-TUNG

Poderoso Exemplo Solidariedade A Ajuda do Povo Chinês à Coreia

Diante da covarde agressão ianque ao povo da Coreia, diante dos massacres sem nome de populações inteiras, diante da invasão do seu próprio território pelos boches modernos, o governo

popular da China abriu o voluntariado para a ajuda, de armas nas mãos, aos seus heróicos vizinhos.

Jamais o mundo havia conhecido um exemplo tão

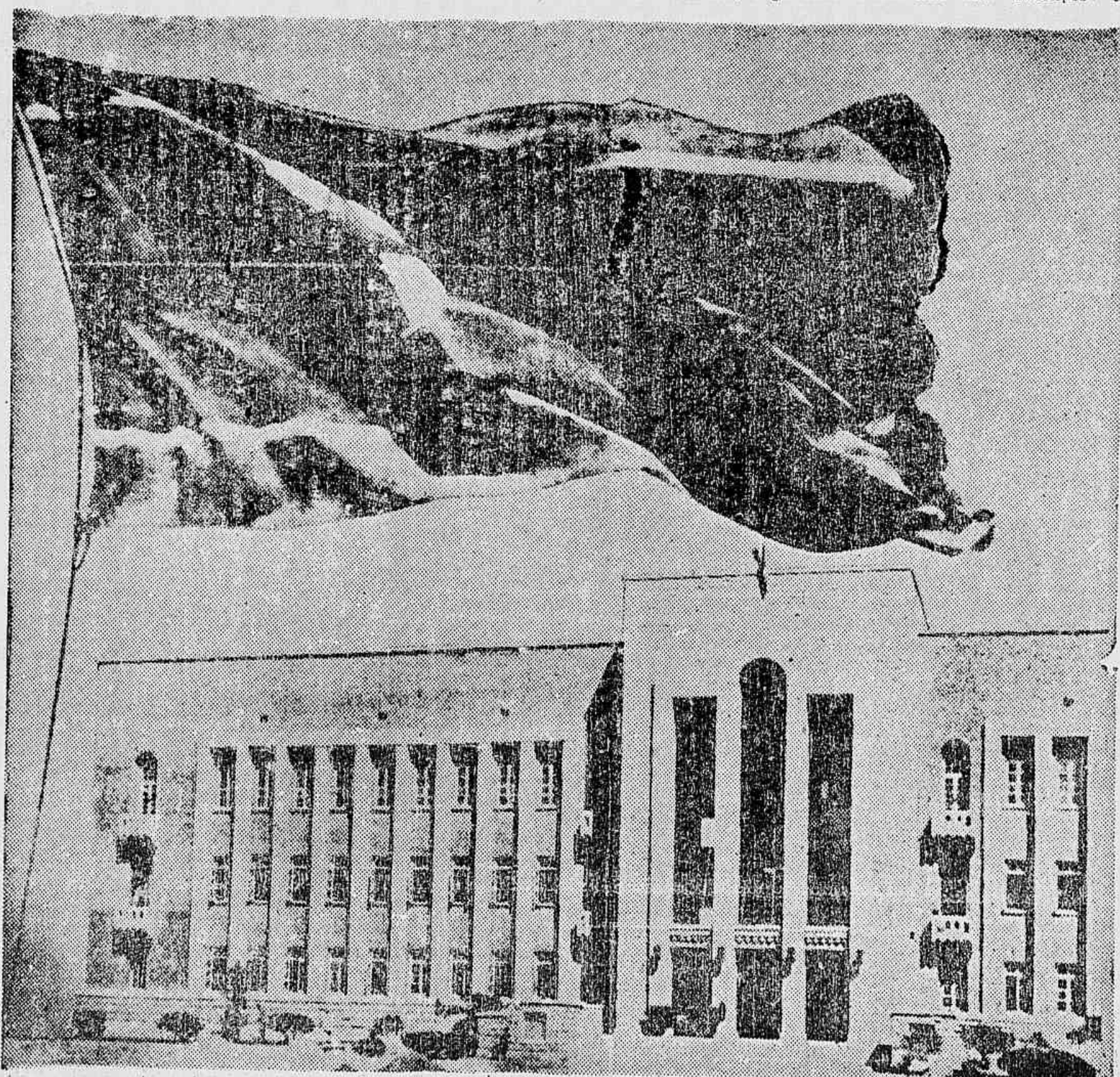
edificante de solidariedade! Era a China de Mão-Tse-Tung, ainda com chagas abertas pelos anos de luta por sua própria libertação, que se erguia como um gigante para impedir que seus brancos e heróicos irmãos da Coreia fossem esmagados pelos exércitos sanguinários de Truman e Mac-Arthur.

Com a ajuda dos irmãos chineses, a pequenina Coreia mais uma vez expulsou os agressores para baixo do Paralelo 38.

Ao recordar esse poderoso exemplo de solidariedade, que deve incentivar, também, a nós brasileiros, na luta contra a emissão de tropas para servir aos gangsters, é oportuno transcrever um trecho do artigo de Kuo-Mo-Jo, presidente do Comitê Chinês Pela Paz, a propósito do assunto:

«Em 30 de setembro de 1950 o Chanceler Chu-En-Lai advertiu o governo dos Estados Unidos que «o povo chinês poderá assistir indiferentemente seus vizinhos serem selvagememente invadidos pelos imperialistas». Os dirigentes da América do Norte não deram atenção a esta solene advertência, nem aos protestos de massa que a precederam. Em outubro as tropas norte-americanas penetraram até as fronteiras do nordeste da China. Frequentemente, unidades aéreas e navais americanas violaram nosso território, assassinaram nossos cidadãos e danificaram a propriedade de nosso povo.

Somente um caminho se abria ao povo chinês diante dessa situação. Eis porque iniciamos a campanha de resistência à agressão americana, e de ajuda à Coreia. Eis porque em fins de outubro nossos voluntários começaram a mover-se em direção à Coreia para combater os invasores ame-



**A BANDEIRA NACIONAL DA REPÚBLICA POPULAR DEMOCRÁTICA DA COREIA
TREMULANDO EM FRENTE AO SUPREMO CONSELHO POPULAR**